



26 de Janeiro de 2019  
ANO I Nº 13

# Filtro

# DE NOVO A LAMA DA VALE

Rompimento de barragem da Vale em Minas, três anos após Mariana, põe Brasil de joelhos diante das falhas de segurança e proteção ambiental na mineração.. "Como posso dizer que aprendemos com Mariana?", diz presidente da multinacional

Páginas 28 e 29

# TRAGÉDIAS DA IMPUNIDADE



**T**ragédias como a de **Brumadinho** (MG) e a de **Mariana** (MG) continuarão ocorrendo no Brasil se os executivos que respondem pelas empresas não forem responsabilizados nas esferas cível e criminal. Essa é a avaliação do ambientalista **Carlos Rittl**, secretário-executivo do Observatório do Clima, rede que reúne 37 organizações que debatem clima e meio ambiente no Brasil.

Rittl afirma que se as regras do licenciamento ambiental ficarem mais brandas, como defendem o presidente Jair Bolsonaro (PSL) e o ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, os desastres serão cada

vez mais frequentes. “Não é uma legislação mais frouxa ou um prazo mais curto que vão tornar essas obras melhores; muito pelo contrário. Infelizmente nós vamos contabilizar corpos nos próximos dias, e isso é inaceitável.”

Nesta sexta-feira (25), uma barragem da Vale se rompeu em Brumadinho, liberando rejeitos da produção de minério de ferro e deixando vários mortos e centenas de desaparecidos.

Em novembro de 2015, 19 pessoas morreram após uma barragem da mineradora Samarco, controlada pela Vale e pela BHP, se romper em Mariana, causando o maior desastre

ambiental do País.

“Isso não vai mudar enquanto não houver responsabilização criminal dos executivos”, enfatizou Rittl, em entrevista ao HuffPost Brasil. “O presidente da Vale disse estar consternado [com o desastre em Brumadinho], mas a empresa está brigando na Justiça para questionar todas as decisões, todas as demandas relacionadas à reparação dos danos ambientais e materiais no desastre de Mariana. Consternação não adianta.”

**LEIA MAIS NAS PÁGINAS 28 E 29 DESTA EDIÇÃO**



GETTY IMAGES

Guaidó anunciou que assume a presidência temporária da Venezuela para fazer um governo de transição

# CRISE NA VENEZUELA

## O QUE EXPLICA O RENASCIMENTO DA OPOSIÇÃO CONTRA MADURO

Daniel Pardo - BBC Mundo

**A** oposição venezuelana passou - em poucos dias - da desesperança, divisão e indecisão a ocupar as ruas do país e a ter um "presidente interino" na figura de Juan Guaidó.

Poucos esperavam. Como ocorreu nas ondas de protestos em 2014 e 2017, de repente milhões saíram às ruas e reativaram o velho objetivo de parte da oposição: derrubar o presidente Nicolás Maduro.

A oposição espera que este 23 de janeiro de 2019, dia em que celebravam 61 anos da queda do regime militar de Marcos Pérez Jiménez, seja lembrado como o início de uma transição.

Mas ela também pensou assim em 12 de fevereiro de 2014 e em 1 de abril de 2017: dias que iniciaram ondas de protestos que se prolongaram por meses e deixaram dezenas de mortos, milhares de feridos e detidos, e um governo mais entronado no poder.

Mas desta vez é diferente, diz parte da oposição, aquela próxima a Guaidó, que desde 5 de janeiro é o presidente da Assembleia Nacional e nesta terça se juramentou como "presidente interino" do país como se o posto estivesse vago.

A principal diferença é que desta vez a comunidade internacional está mais envolvida na disputa: não só rejeita a legitimidade de Maduro como presidente, como reconhece Guaidó como chefe do Executivo.

Estados Unidos, Brasil, Colômbia e vários outros países apoiaram na quarta-feira o juramento do opositor, membro do Vontade Popular, partido sempre próximo a Washington e fundado pelo líder opositor Leopoldo López, hoje preso.

Mas esse não é o único ingrediente que reanimou a oposição.

### A posse de Maduro

A equação também integra o que ocorreu em 10 de janeiro.

Nesse dia, Maduro iniciou um segundo mandato após ter sido eleito, em maio, em uma votação questionada, com alta abstenção, sem a participação e o reconhecimento da oposição nem da comunidade internacional.

Tudo isso ocorreu em meio à pior crise econômica da história do país.

Nesse mesmo dia, a Assembleia Nacional, controlada pela oposição desde 2015 mas não reconhecida pelo Tribunal Supremo de Justiça (supostamente cooptado pelo chavismo), nomeou uma nova instituição e um novo presidente.

É aí que entra em cena o jovem Guaidó, um deputado antes praticamente desconhecido que acabou na presidência da Assembleia porque era a vez do Vontade Popular ocupar o posto.

"Tudo isso coincidiu com uma busca de líderes novos, foi como um emanador de esperanças", diz à BBC Luis Vicente León, analista e pesquisador venezuelano.

A contante e complexa luta contra o chavismo fez com que praticamente todos os líderes da oposição fossem perdendo força ao longo do tempo. Enquanto isso, os interesses diversos do grupo resultaram em uma coalizão que, na realidade, só estava unida pela oposição ao governo.

Durante o último ano, a situação do país só piorou - o que se reflete na grande quantidade de venezuelanos que foram para o exterior.

Mas a frustração não foi aproveitada por uma liderança que promovesse uma ideia de mudan-

ça. Até agora, aparentemente.

### Os militares

Outra diferença entre a oposição atual e a de anos anteriores é que agora os militares são clamados a se unir à causa.

Na terça-feira, a Assembleia Nacional aprovou uma Lei de Anistia que na teoria daria aos militares um incentivo para colaborar com o que chamaram de "restabelecimento da ordem".

"Está só começando", diz León. "Obviamente, Guaidó mediu o impacto de sua decisão (de se juramentar) e está claro também que os Estados Unidos estão totalmente alinhados, como o Grupo de Lima (sem o México) e provavelmente a Europa", diz o analista.

"É um momento de medir forças, mas a pergunta é se haverá apoio militar interno suficiente e que força os EUA estão dispostos a usar. Sem militares de dentro do regime, a coisa é bastante difícil", conclui o analista.

Na terça, as autoridades venezuelanas detiveram um grupo de militares que supostamente estavam planejando se rebelar. E no passado houve pequenos indícios de rebeliões dentro das Forças Armadas.

Isso, somado ao convite de Guaidó para que os militares se unam à oposição, pode ter feito com que as esperanças retornassem.

Porém, como sempre ocorreu com as Forças Armadas venezuelanas, é muito difícil saber como estão as fricções em seu interior.

E disso depende, em parte, se o renascimento da oposição voltará a gerar desesperança, divisão e indecisão. Ou se dessa vez será diferente.



Bolsonaro deixou a desejar no detalhamento de propostas

# BALANÇO DE DAVOS

Presidente demonstrou a investidores intenção em fazer reformas, mas foi vago sobre elas, avaliam especialistas.

By Grasielle Castro – Huffpost Brasil

**S**em a presença de líderes como Donald Trump, dos Estados Unidos, Theresa May, do Reino Unido, e Emmanuel Macron, da França, grande parte da expectativa do Fórum Econômico Mundial em Davos, na Suíça, neste ano recaía sobre o novo presidente da 9ª maior economia do mundo - e a maior da América Latina.

**Jair Bolsonaro**, no entanto, retorna ao Brasil nesta sexta (25) sob a avaliação de especialistas de que não aproveitou bem o espaço, deixando de se aprofundar em medidas concretas a serem adotadas para acolher os tão aguardados investimentos.

O rápido discurso feito na abertura do evento apresentou aos investidores o que eles gostariam de ouvir: interesse em facilitar a abertura do País ao mundo dos negócios. No entanto, Bolsonaro frustrou a expectativa por novidades, por exemplo, na reforma da Previdência.

O presidente demonstrou intenção em fazer “as reformas de que precisamos e que o mundo espera de nós”, enalteceu o currículo de integrantes de sua equipe e destacou que o

Brasil precisa avançar na “compatibilização entre a preservação do meio ambiente e da biodiversidade e o necessário desenvolvimento econômico”.

Houve insistência do presidente do fórum, Klaus Schwab, para que o presidente destrinchasse a estratégia, mas não houve resposta direta sobre como Bolsonaro pretende avançar nesses pontos próximos anos.

A falta de detalhamento de propostas, para o professor de Relações Internacionais na FGV Guilherme Casarões, passou a impressão de que o discurso foi voltado para o público que já o segue.

“O que vai ser decisivo para a recuperação econômica brasileira vai ser a capacidade que o Bolsonaro vai ter de mobilizar as forças internas para aprovar as reformas. O apoio estrangeiro é um elemento importante, mas não é o que vai definir seu potencial na recuperação da economia.”

Em entrevista à agência Bloomberg, Bolsonaro reconheceu que, de volta ao País, enfrentará dificuldades.

“Mas temos que enfrentar isso agora, não teremos outra alternativa. O Brasil tem que dar certo conosco. Senão a esquerda volta ao

poder e, aí, não sabemos ao certo qual será o destino do Brasil. Talvez se transformar no regime que se encontra na Venezuela”, disse.

Especialistas ouvidos pelo HuffPost Brasil fizeram um balanço da primeira participação internacional de Bolsonaro como presidente, elencando seus acertos e erros em Davos.

## 1. Discurso curto

A concisão do discurso de Bolsonaro pode ser considerada tanto um acerto quanto um erro, a depender da expectativa que se criava. Dos 30 minutos dispunha para falar, o presidente utilizou apenas 6, quando todos os holofotes estavam sob ele.

“A retórica objetiva é interessante e pode ser boa”, analisa Vinícius Müller, doutor em História Econômica e professor do Insper. Mas, segundo o especialista, foi exageradamente curta e pode ter gerado efeito contrário. “Pode ter deixado algumas dúvidas que dificultam entender o Brasil. De modo geral, ele mostrou disposição em arrumar o que ele acha que precisa. Falou o que os investidores queriam ouvir, mas sem explicar como vai fazer.”

Continua...



**Bolsonaro perdeu a oportunidade de detalhar plano de ação a investidores, dizem especialistas**

Para Casarões, ficou a impressão de que o presidente quis falar o mínimo possível para gerar poucas críticas. “Ele não foi capaz de mostrar com clareza a direção do País para os próximos 4 anos. Havia expectativa de demonstrações claras sobre o que ele está disposto a fazer, de que ele tentaria mudar a imagem do Brasil, aumentar a credibilidade, mas o discurso não trouxe esse ânimo. (...) Foi mais um sintoma de que falta clareza do que um decreto de óbito [do novo governo].”

**2. Política interna X externa**

Ainda para Casarão, também ficou a sensação de que o discurso foi voltado para o público interno, com sinalizações à bancada evangélica, aos ruralistas, aos simpatizantes de Olavo de Carvalho e à política de segurança pública. “Para quem não se importa e não entende direito as forças por trás do governo, a fala não fez sentido”, afirma.

No discurso, Bolsonaro diz que vai “investir pesado na segurança” para atrair turistas, agradece “à competência do produtor rural”, enaltece a implementação de uma política internacional sem “viés ideológico” e finali-

za com “Deus acima de tudo”.

Müller acrescenta que um governo com posições muito fortes, sejam de direita ou esquerda, muitas vezes confundem a proposta de política externa com a interna. “Receio que a participação de Bolsonaro em Davos tenha carregado um discurso, que era, à princípio voltado à diplomacia econômica, mas que ficou apegado a política interna. Isso é muito comum na história, mas não é recomendável.”

**3. Cancelamento da entrevista**

Embora exista a avaliação de que o presidente se mostrou disposto a fazer as reformas que o País precisa. O cancelamento da entrevista coletiva, com a justificativa de que precisava de repouso por causa de sua saúde delicada (mas também de que a imprensa estava se comportando de forma “antiprofissional”), deixou um vácuo.

Para Müller, Bolsonaro perdeu a oportunidade de usar o tempo para suavizar suas aparentes contradições. “Pode ter sido uma tática, porque tem alguns elementos que são difíceis de explicar. Ele pode estar ganhando tem-

po, amadurecendo ideias, esperando para ver como vai ser a base dele no Congresso para falar de uma maneira pontual. (...) Mas a postura ambígua gera ruídos no mercado internacional. Ele poderia ter usado o tempo para esclarecer possíveis dúvidas.”

**4. Reuniões bilaterais**

Já Casarões ressalta que “o discurso vai ser esquecido daqui a um tempo e vão ficar os contatos que Bolsonaro efetivamente fez com os parceiros estrangeiros”.

“É cedo para dizer que o impacto vai ser positivo ou negativo. Vamos ter que esperar um pouco mais de tempo para ver o que foi construído com os investidores internacionais nos encontros a portas fechadas que Bolsonaro e, sobretudo, o [ministro da Economia] Paulo Guedes tiveram com os investidores.”

Além de líderes da América Latina, o presidente teve encontros com autoridades da Itália, Suíça, Japão, Ucrânia, África do Sul, Polônia, África do Sul, Holanda e República Tcheca.



**MEDECINS SANS FRONTIERES**  
**MÉDICOS SEM FRONTEIRAS**

# JEAN WYLLYS DESISTE DE MANDATO E DEIXA O BRASIL

Eleito pela terceira vez consecutiva deputado federal pelo PSOL do Rio de Janeiro, Jean Wyllys vai abrir mão do novo mandato. Em entrevista exclusiva à Folha, o parlamentar —que está fora do país, de férias— revelou que não pretende voltar ao Brasil e que vai se dedicar à carreira acadêmica.



Desde o assassinato da sua correligionária Marielle Franco, em março do ano passado, Wyllys vive sob escolta policial. Com a intensificação das ameaças de morte, comuns mesmo antes da execução da vereadora carioca, o deputado tomou a decisão de abandonar a vida pública.

"O [ex-presidente do Uruguai] Pepe Mujica, quando soube que eu estava ameaçado de morte, falou para mim: 'Rapaz, se cuide. Os mártires não são heróis'. E é isso: eu não quero me sacrificar", justifica.

De acordo com Wyllys, também pesaram em sua resolução de deixar o país as recentes informações de que familiares de um ex-PM suspeito de chefiar milícia investigada pela morte de Marielle trabalharam para o senador eleito Flávio Bolsonaro durante seu mandato como deputado estadual pelo Rio de Janeiro.

"Me apavora saber que o filho do presidente contratou no seu gabinete a esposa e a mãe do sicário", afirma Wyllys. "O presidente que sempre me difamou, que sempre me insultou de maneira aberta, que sempre utilizou de homofobia contra mim. Esse ambiente não é seguro para mim", acrescenta.

Primeiro parlamentar assumidamente gay a encampar a agenda LGBT no Congresso Nacional, Wyllys se tornou um dos principais alvos de grupos conservadores, principalmente nas redes sociais. Ele também se diz "quebrado por dentro" em virtude de fake news disseminadas a seu respeito, mesmo tendo vencido pelo menos cinco processos por injúria, calúnia e difamação.

"A pena imposta, por exemplo, ao Alexandre Frota

não repara o dano que ele produziu ao atribuir a mim um elogio da pedofilia. Eu vi minha reputação ser destruída por mentiras e eu, impotente, sem poder fazer nada. Isso se estendendo à minha família. As pessoas não têm ideia do que é ser alvo disso", afirmou Wyllys.

Deputado federal eleito pelo PSL de São Paulo, Frota foi condenado em primeira instância na Justiça Federal, em dezembro do ano passado, a pagar uma indenização de R\$ 295 mil por postar uma foto de Jean Wyllys acompanhada de uma declaração falsa: "A pedofilia é uma prática normal em diversas espécies de animal, anormal é o seu preconceito".

Wyllys se ressentido, sobretudo, da falta de liberdade no Brasil. "Como é que eu vou viver quatro anos da minha vida dentro de um carro blindado e sob escolta? Quatro anos da minha vida não podendo frequentar os lugares que eu frequento?", questiona.

Também avisa que vai se desconectar das redes sociais temporariamente e que não pretende acompanhar a repercussão do seu anúncio.

"Essa não foi uma decisão fácil e implicou em muita dor, pois estou com isso também abrindo mão da proximidade da minha família, dos meus amigos queridos e das pessoas que gostam de mim e me queriam por perto", explica.

Sobre o futuro, ele ainda não tem planos definidos. "Eu acho que vou até dizer que vou para Cuba", ironiza.

## Quando você decidiu abrir mão do mandato?

Eu já vinha pensando em abrir mão da vida pública desde que passei a viver sob escolta, quando aconteceu a execução da Marielle. Antes disso, havia ameaças de morte contra mim e, curiosamente, não havia contra ela. Nunca achei que as ameaças de morte contra mim pudessem acontecer de fato. Então, nunca solicitei escolta.

Mas, quando rolou a execução da Marielle, tive noção da gravidade. Além dessas ameaças de morte que vêm desses grupos de sicários, de assassinos de aluguel ligados a milícias, havia uma outra possibilidade: o atentado praticado por pessoas fanáticas religiosas que acreditavam na difamação sistemática que foi feita contra mim.

## Você chegou a ser agredido?

Além dos xingamentos, tinha gente que me empurrava, mesmo com a presença dos seguranças ao meu lado. E a coisa foi se agravando por causa da campanha baseada em fake news. Eu não era candidato à Presidência da República, mas a principal fake news me envolvia —o kit gay. Foi uma fake news produzida em 2011 e atribuída a mim.

No dia em que ocorreu o eclipse lunar [27/07], aquele em que a lua ficou vermelha, eu não podia descer porque eu estava ameaçado. Só podia descer com a escolta e a escolta não estava lá. Uma coisa simples, um fenômeno no céu que eu não podia ver. questão. Quero cuidar de mim e me manter vivo.

Continua...

Nesse dia, tive uma crise de choro e falei: "eu vou largar tudo". Não posso estar no meu país e não poder descer para ver um eclipse lunar sem ser insultado por pessoas que acham que sou pedófilo, que quero homossexualizar crianças.

**Você cogitou a ideia de não se candidatar?**

Não cheguei a pensar nisso porque estava no fluxo do trabalho. E não era uma questão só minha, envolvia o partido. Mas, quando já era candidato, pensei em abandonar a candidatura. Aí, durante a eleição aconteceu o atentado contra o presidente, esse atentado que está por ser explicado ainda, e isso atçou ainda mais a violência contra mim nos espaços públicos.

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA) emitiu uma medida cautelar logo depois da eleição. O documento é claríssimo: é baseado em todas as denúncias que nós fizemos à Polícia Federal, no fato de que a Polícia Federal não avançou nas investigações sobre as ameaças contra mim. No fato de que a proteção era pífia.

A OEA deu um prazo para o Estado responder quais eram as providências que estava tomando em relação à minha proteção. A resposta foi a mais absurda possível.

O Estado não reconheceu que havia uma violência homofóbica no Brasil. Isso com quatro pessoas LGBTs ou mais tendo sido mortas durante o processo eleitoral, com o Moa do Katendê tendo sido assassinado na Bahia por causa do ambiente de violência política que se estabeleceu no Brasil.

A resposta do Estado à OEA foi dizer que eu estava seguro, tanto é que eu participei das eleições. É uma piada. Eu não via a hora de sair de férias porque queria sair do país. Porque estava me sentindo inseguro, mesmo com a escolta me acompanhando. Quando saí de férias, experimentei de novo uma vida em liberdade. Aí, tomei a decisão de não voltar.

**Você se firmou como um dos principais adversários de Jair Bolsonaro na Câmara dos Deputados, a ponto de ter cuspidado na cara dele durante a votação do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. A eleição de Bolsonaro contribuiu para sua decisão de não assumir o novo mandato?**

Não foi a eleição dele em si. Foi o nível de violência que aumentou após a eleição dele. Para se ter uma ideia, uma travesti teve o coração arrancado agora há pouco. E o cara [o assassino] botou uma imagem de uma santa no lugar.

Numa única semana, três casais de lésbicas foram atacados. Um deles foi executado. A violência contra LGBTs no Brasil tem crescido assustadoramente.

O [ex-presidente do Uruguai] Pepe Mujica, quando soube que eu estava ameaçado de morte, falou para mim: "Rapaz, se cuide. Os mártires não são heróis". E é isso: eu não quero me sacrificar.

A violência contra mim foi banalizada de tal maneira que Marília Castro Neves, desembargadora do Rio de Janeiro, sugeriu a minha execução num grupo de magistrados no Facebook. Ela disse que era a favor de uma execução profilática, mas que eu não valeria a bala que me mataria e o pano que limparia a lambança.

Na sequência, um dos magistrados falou que eu gostaria de ser executado de costas. E ela respondeu: "Não, porque a bala é fina".

Veja a violência com homofobia dita por uma desembargadora do Rio de Janeiro. Como é que

posso imaginar que vou estar seguro neste estado que eu represento, pelo qual me elegi?

**Você é o principal porta-voz do movimento LGBT no Congresso. Num momento em que o debate em torno dessas pautas tende a se acirrar, como você se sente abrindo mão do mandato?**

Para o futuro dessa causa, eu preciso estar vivo. Eu não quero ser mártir. Eu quero viver. Acho que essa violência política que se instalou no nosso país vai passar. Pode ser que no futuro eu retome isso, mas eu nem penso em retomar porque há tantas maneiras de lutar por essa causa que não passam pelo espaço da institucionalidade.

**Você foi um dos primeiros políticos a usar intensamente a internet. Como você enxerga a atual atmosfera das redes sociais?**

A diferença é que eu usava a internet para dar transparência ao meu trabalho, para ampliar os canais de comunicação e de democracia direta com a população. Nunca usei a internet para difamar ninguém, para caluniar ninguém.



Essa é a diferença para essas novas estrelas das redes sociais. Elas usam as redes sociais para a divulgação de fake news.

Há uma bancada inteira eleita com base em mentiras, inclusive contra mim. Eu venci processos contra umas cinco pessoas que me caluniaram. Só que esses processos não reparam o dano que isso causou na minha vida e na vida da minha família.

A pena imposta, por exemplo, ao Alexandre Frota não repara o dano que ele produziu ao atribuir a mim um elogio da pedofilia. Eu vi minha reputação ser destruída por mentiras e eu, impotente, sem poder fazer nada. Isso se estendendo à minha família. As pessoas não têm ideia do que é ser alvo disso.

**Quais são seus planos? Para onde você vai?**

Eu não vou falar onde estou. Eu acho que vou até dizer que vou para Cuba [ironiza]. Eu sou professor, dou aula. Eu escrevo, tenho um livro para terminar. Eu vou recompor minha vida. Eu vou estudar, quero fazer um doutorado.

Vou escolher um lugar onde eu possa fazer meu doutorado, que eu não pude fazer durante esses anos. Vou tocar minha vida dessa outra maneira.

Quando eu estiver refeito, quando eu achar que é a hora, eu volto, não necessariamente para esse lugar

da representação política parlamentar, mas para a defesa da causa —isso eu nunca vou deixar de fazer.

**Qual foi a reação do seu partido, o PSOL?**

O partido reconhece que de fato eu sou um alvo e me deu apoio na minha decisão de não voltar. Reconhece que são graves as ameaças contra mim, que eu corro risco, que há uma vulnerabilidade maior pelo fato de eu ser identificado com a causa LGBT. Lamenta, claro, mas apoia minha decisão.

Você acha que a defesa muito enfática que você fez do mandato de Dilma Rousseff, e sobretudo do ex-presidente Lula, contribuiu para que esse clima de animosidade contra você crescesse?

Acho que sim. Acho que tudo acabou se misturando e eu fui convertido em um inimigo público para essas pessoas. Havia quem fizesse ameaça por conta desse ódio antipetista e havia quem quisesse me calar de fato. Tudo isso se misturou.

O PSOL reconhece essa vulnerabilidade. Mesmo os meus eleitores compreenderão isso. Milhares de pessoas não foram às ruas para protestar contra a execução da Marielle Franco à toa. Elas foram porque ficaram indignadas com a execução de uma mulher honesta, digna, uma parlamentar com um futuro brilhante que foi executada por uma rajada de metralhadora, parte dos tiros na cara dela.

Eu não quero ter esse fim. E para não ter esse fim eu não volto e não vou assumir o mandato. Não estou renunciando a nada porque sequer investi no mandato.

**Você se arrepende de algo nesses oito anos como deputado federal?**

Não me arrependo de nada. Eu acho que dei uma bela contribuição, que pode não ser reconhecida agora por causa das fake news, dos ataques e das mentiras, mas o espelho retrovisor pode mostrar de maneira clara como eu estive do lado certo o tempo inteiro.

A conquista do casamento civil igualitário foi uma conquista que dependeu muito da minha luta. Tenho muito orgulho do que fiz. Durante esses oito anos, enfrentei tudo isso com muita dignidade. Mas sou humano e cheguei ao meu limite.

E me apavora saber que o filho do presidente contratou no seu gabinete a esposa e a mãe do sicário [ex-PM suspeito de chefiar milícia que é investigada no caso Marielle]. O presidente que sempre me difamou, que sempre me insultou de maneira aberta, que sempre utilizou de homofobia contra mim. Esse ambiente não é seguro para mim.

**Qual é sua expectativa para o governo Jair Bolsonaro e qual deve ser o papel da oposição nos próximos quatro anos?**

Não tenho nenhuma expectativa positiva em relação a esse governo. O nível de violência contra as minorias aumentou drasticamente desde que esse sujeito foi eleito. As suas relações pouco republicanas já vieram à tona —dele e de seus filhos. Então, não tenho boas expectativas.

A política econômica também não desenha um bom horizonte. O choque do neoliberalismo em um país desigual como o nosso não será bom. E acho que o Ministro da Justiça [Sérgio Moro] deve no mínimo prestar algum tipo de satisfação à população. Então, minhas perspectivas não são as melhores.

E acho que a saída para as esquerdas é a união. Mas, sinceramente, eu não quero mais opinar sobre isso porque estou abrindo mão do mandato justamente para não ter mais que opinar neste momento sobre essa questão. Quero cuidar de mim e me manter vivo.

# Amaro Coutinho Vende:

## Propriedade Rural com Fonte de Água Mineral de mesa Fluoretada



### Detalhes

#### Localização:

Região de Aruaba, Serra/ES

#### Medidas:

Área de 100.000 metros quadrados. Área: 21,5 Hectares. Propriedade com fonte de água mineral de mesa fluoretada.

Todas as análises feitas em laboratório e pronta para comercialização.



PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F  
27 3067-2227 | + 55 27 99960-2727  
Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025  
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

## Confira

# Amaro Coutinho Vende:

## Fazenda no Estado do Pará



### Características:

A Fazenda fica localizada em Santa Maria da Barreiras - PA, na margem da Rodovia 158 entre Redenção (100 km) e Santana do Araguaia (65 km), ao lado da Vila de Casa de Tábua, as vendas de bois são realizadas para os frigoríficos da JBS em Redenção e Santana do Araguaia; Rio Maria e Vila Rica - MT.

Possuímos 7.632,36 ha com 6.422,36 de abertura e apenas 1.210 ha de mata (15,85%), os pastos são divididos em 4 retiros, todos com currais centrais e balanças eletrônicas, represas e água abundante cortada pelos Rios Inajá e da Vaca, ultrapassando mais de 100 pastos formados com Mombaça (forma nova)



PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F  
27 3067-2227 | + 55 27 99960-2727  
Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025  
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

## Confira

Piatã (forma nova), Humidícula, Brachiaria, MG5, contamos também com 4 rotacionados com áreas de lazer no centro. A fazenda conta com rede elétrica em todo retiro 01, abrangendo: casa sede com 4 quartos (ar condicionado), escritório, curral, 2 casas de vaqueiros, fábrica de ração, galpão tratores, serraria. Os demais retiros, possuem geradores próprios. A cultura de soja chegou na região e já é uma realidade, tendo diversas fazendas ao nosso redor com plantações feitas recentemente e com estruturas completas de silos. Pela topografia plana da Fazenda, consegue-se plantar grãos entre 65% a 70% da área ou seja entre 4.175 há a 4.495 há.

### Valor:

R\$55.000.000,00 (cinquenta e cinco milhões)





camisetas  
**Pólos**  
Confira



*Camisetas*  
100% algodão  
Confira



**Camisas**  
manga longa



GANECAS DE  
**CHOPP**  
Confira



Clique aqui e confira!!



# O DÉFICIT DA PREVIDÊNCIA DOS MILITARES

**Mudanças nas regras de aposentadorias para Forças Armadas devem ficar de fora de reforma da Previdência elaborada pela equipe econômica do governo Bolsonaro.**

By Marcella Fernandes – Huffpost Brasil

Com déficit da **Previdência** maior do que o dos servidores públicos e os trabalhadores da iniciativa privada, os **militares** devem ficar de fora da reforma em elaboração pela equipe econômica do ministro **Paulo Guedes**. O governo de Jair Bolsonaro conta com 6 ministros das Forças Armadas. Apesar de condições de trabalho diferentes, especialistas defendem que algumas mudanças poderiam ser adotadas para a categoria.

“A gente tem que se esforçar muito para que essa reforma seja o mais abrangente possível e inclua todas as categorias. Tem uma questão de justiça; o sistema previdenciário não pode ser muito diferente para trabalhadores diferentes. Tem que ser o mais igualitário possível. Se os militares ficarem de fora, vai ser um começo muito ruim e decepção para a socie-

dade”, afirmou ao HuffPost Brasil Luís Eduardo Afonso, especialista em previdência da USP (Universidade de São Paulo).

Na avaliação do pesquisador, é necessário adotar uma idade mínima e mudar o cálculo do benefício. “Uma das inconsistências que a gente tem na Previdência é permitir a aposentadoria muito cedo com benefício relativamente elevado. O resultado dessas duas coisas é o déficit que a gente enxerga nos 3 sistemas”, afirmou.

Defensores de mudanças nas regras atuais afirmam que o atual sistema é insustentável, mas os números dos militares são mais graves que os dos civis, proporcionalmente. O déficit na Previdência dos militares até novembro de 2018 subiu 12,85% em relação ao mesmo período de 2017, de R\$ 35,9 bilhões para R\$ 40,5 bilhões.

Já no regime dos servidores civis da União

(RGPS), o déficit somou R\$ 43 bilhões até novembro do ano passado, alta de 5,22% em relação a igual período de 2017. No sistema do INSS, para trabalhadores da iniciativa privada, o rombo aumentou 7,4% na mesma base de comparação. A previsão é de um rombo de 218 bilhões para 2019, segundo estimativa do governo federal no orçamento anual.

Na avaliação de especialistas, o crescimento mais acelerado do déficit para militares se deve a regras mais benéficas, como receber o valor integral do benefício. Além disso, o INSS passou por medidas para tentar reduzir o rombo, como cortes no tempo de duração nas pensões e pente-fino em alguns benefícios. “Não houve nenhuma mudança nos últimos tempos em relação aos militares. Em todas as últimas reformas da Previdência, os militares têm ficado de fora”, lembra Luís Eduardo Afonso.

**Continua...**

**Militares pagam menos para se aposentar**

Pelas regras atuais, os militares contribuem com 7,5% do salário. O valor pode subir para 9% se tiver ingressado antes de 2001 e quiser manter o benefício de pensão vitalícia para filhas solteiras. No INSS, o trabalhador paga 11% do salário bruto. No caso dos servidores, desde 2018, quem ganha até o teto do INSS paga 11%. Acima disso, o valor sobe para 14%.

Para Emerson Lemes, tesoureiro do Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário (IBDP), o ideal é instituir uma contribuição para os militares, também no patamar de 11%. “A despeito de serem militares, são servidores públicos tanto quanto os outros”, afirmou à reportagem.

O especialista também destaca que em outros países, o modelo é mais rígido. Nos Estados Unidos, por exemplo, o cálculo do benefício é feito em cima da média das últimas 36 remunerações.

Relatório do TCU (Tribunal de Contas da União) publicado em 2017 também mostra que no Reino Unido é adotada uma idade mínima de 60 anos.

**Aposentadoria dos militares é mais alta**

A forma de cálculo da aposentadoria também beneficia integrantes do Exército, Marinha e Aeronáutica. A legislação atual permite que os militares se aposentem com salário integral da patente seguinte após 30 anos de serviço, sem idade mínima.

Em média, o valor é de R\$ 13,7 mil por mês. Não há um teto específico, mas em tese, seria o limite do funcionalismo público, atualmente em R\$ 39,2 mil.

No INSS, a média é de R\$ 1,8 mil por mês, com grandes discrepâncias entre quem recebe menos e mais. O teto atual é de R\$ 5.839,45. Há duas formas de se aposentar nesse sistema: pelo fator previdenciário ou pela fórmula 86/96 progressiva, em vigor desde 2015.

No primeiro, o benefício é calculado progressivamente e é menor para quem se aposenta mais cedo. São necessários 30 anos de contribuição para mulheres e 35 para homens.

No segundo, o tempo mínimo de contribuição é o mesmo, mas não há o desconto do fator previdenciário. É preciso, contudo, que a soma da idade com o tempo de contribuição seja 86 para mulheres e 96 para homens, a partir de 2019. O cálculo irá aumentar até 31



**O déficit na previdência dos militares até novembro de 2018 subiu 12,85% em relação ao mesmo período de 2017, de R\$ 35,9 bilhões para R\$ 40,5 bilhões.**

de dezembro de 2026, quando chega a 90 para elas e 100 para eles.

No regime previdenciário dos servidores, por sua vez, o valor médio de aposentadoria é de R\$ 9 mil. O teto é o mesmo do INSS apenas para servidores que entraram no serviço público após a criação do Funpresp, em 2013, ou aderiram voluntariamente ao fundo de previdência complementar. No caso do Executivo e Legislativo, essa parcela equivalia a apenas 35,6 mil servidores, em um universo de 657.644 funcionários (civis), de acordo com dados do Ministério do Planejamento.

**Militares se aposentam mais cedo**

Ao comparar os diferentes regimes, os dados mostram que, de modo geral, os militares se aposentam mais cedo. Relatório do TCU publicado em 2017 mostra que 55% dos membros das Forças Armadas no Brasil se aposentam entre os 45 e os 50 anos de idade.

Na iniciativa privada, a média é de 58 anos e, para funcionários públicos da União, 60 anos. No setor público, a idade mínima para se aposentar é de 55 anos para mulheres e 60 para homens. No modelo por idade do INSS, o mínimo é 60 anos para mulheres e 65 para homens, com pelo menos 15 anos de contribuição.

Luís Eduardo Afonso defende a adoção da idade mínima para militares e de um escalonamento do valor do benefício, como ocorre nos Estados Unidos. Lá, o integrante das Forças Armadas pode se aposentar a partir de 20 anos de contribuição, mas só recebe o valor integral da aposentadoria após 40 anos de con-

tribuição.

**Militares do governo contra reforma da Previdência**

Com cargos estratégicos no governo Bolsonaro, militares têm defendido que não sejam incluídos no texto em elaboração pela equipe de Guedes. As alterações teriam de ser feitas por meio de projeto de lei e não de emenda à Constituição.

O ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, afirmou que eventuais mudanças no regime deles têm de respeitar as especificidades da carreira. A mesma posição foi adotada pelo ministro da Secretaria de Governo da Presidência da República, general Santos Cruz, que concorda com a adoção de uma idade mínima.

Enquanto estão na ativa, militares não têm direito a greve, adicionais noturnos e de periculosidade e não recolhem FGTS. Segundo o Ministério da Defesa, a falta de direitos remuneratórios rende anualmente à União uma economia da ordem de R\$ 23 bilhões, o que contribuiria para equilibrar as despesas com militares inativos.

Especialistas discordam, contudo, que a conta feche. “O argumento de que não tem direitos trabalhistas não tem ligação nenhuma com a Previdência. Não é porque não recebe hora extra que o dinheiro que ele receberia vai para a Previdência. Não vai”, afirma Emerson Lemes. Ele destaca também que só recebe FGTS quem não tem estabilidade no emprego, no caso, a iniciativa privada.”

**COM A SUA AJUDA**  
**PODEMOS SALVAR VIDAS**

**MEDECINS SANS FRONTIERES**  
**MÉDICOS SEM FRONTEIRAS**

**SEJA UM DOADOR**

# DE TORTURADA A ATIVISTA

## A história de sobrevivência de Eliana Rolemberg



Em 1979, com a Lei da Anistia, pôde, enfim, voltar ao Brasil.

### RYOT Studio & CUBOCC

Ela viveu um tempo em que sentir medo era regra. Em que defender ideais era considerado “subversão”. Passível de tortura. De morte. Não havia liberdade. Muito menos garantia de direitos. Durante os anos 1970, no auge ditadura militar, a socióloga **Eliane Rolemberg**, hoje com 74 anos, foi levada a uma prisão clandestina e, durante 20 dias, torturada. Em uma sala pequena, ela lembra, somavam-se oito algozes. “Um deles, tenente do Exército, que se dizia pertencer à Igreja Batista, lia trechos da Bíblia enquanto assistia”, conta em entrevista ao HuffPost Brasil. O inferno que viveu, embora nunca esquecido, construiu uma sobrevivente com sede de transformação.

Eliane fazia parte do grupo de estudantes que realizou uma ocupação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) para fazer oposição à relação da Igreja Metodista com os Estados Unidos, e criticar publicamente os crimes cometidos pelo regime militar no Brasil. Eles não só realizavam ocupações, como também pesquisas acadêmicas. Todo o material era

guardado na casa do tio de um dos estudantes, que descobriu e fez uma denúncia.

“Jogaram-nos em um carro e nos conduziram para um lugar que depois fui descobrir que era o presídio Tiradentes, que hoje foi demolido. Soube que esse lugar era uma prisão ilegal, e eles poderiam desaparecer com as pessoas, fazer o que quisessem... Para lá levavam muitos dos que deveriam desaparecer. Fomos recebidos

**“A ideia de que lutar por direitos é defender bandido foi muito bem orquestrada, mas é mentirosa.”**

por homens furiosos formando um corredor, conhecido como corredor polonês. Todos nos dirigiam palavras de baixo calão, nos davam socos e pontapés. Depois também fiquei sabendo que a prisão fez parte da Operação Bandeirante”, conta

Rolemberg.

Conhecida como Oban, a Operação Bandeirantes foi criada em 1969 tinha como objetivo investigar e desarticular grupos entendidos como “facções revolucionárias comunistas”, que em sua maioria faziam oposição ao governo. Exatamente o tipo de característica que o grupo de estudantes a qual a socióloga fazia parte continha na visão dos militares. A organização também contava com o apoio de setores da sociedade civil e tornou-se contou com setores da sociedade civil e, assim, tornou-se um pólo de arbitrariedades e violação dos direitos fundamentais à época.

Rolemberg ficou presa na mesma cela que a maranhense Damaris Lucena, operária e ativista brasileira. Lucena, junto com os filhos, presenciou o assassinato do marido. Em seguida, também foi presa e torturada. “Ela estava desesperada. Pra ela era um certo alívio saber que eu estava lá, porque eles [torturadores] se ocupariam me torturando e esqueceriam um pouco dela”, lembra Rolemberg, com pesar. “Sempre que alguém saía para um interrogatório cantávamos transmitindo esperança e acolhimento. Era o único jeito”, conta.

# Linha Nomad

Solicite seu orçamento

**VINIL** 3M  
TAPETES

[WWW.VINILTAPETES.COM.BR](http://WWW.VINILTAPETES.COM.BR)

21-999162846 (RJ) 27-99961-3018 (ES)

**VINIL** 3M  
TAPETES

**VINIL** 3M  
TAPETES

QUALIDADE E TRADIÇÃO DESDE 1993

SUA MARCA  
NÃO VAI SAIR DA CABEÇA  
DOS SEUS CLIENTES...  
NEM DOS PÉS.

## TAPETES PERSONALIZADOS 3M



São usados em empresas, residências, prédios e diversos outros locais. Podem ser personalizados com a sua logomarca

## LINHA EXTRA-RESISTENTE



Seus filamentos mais espessos e seu costado mais resistente, proporcionam maior durabilidade.

## LINHA REALCE



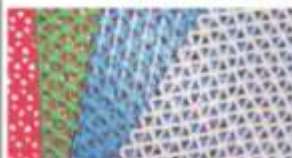
Sua combinação especial de fibras, além de remover a sujeira, proporciona uma excelente retenção de umidade.

## LINHA ACQUA



Indicado para locais com baixo tráfego de pessoas, onde a água e a sujeira causa problemas.

## LINHA ÁREAS ÚMIDAS



Tapete usado como proteção antiderrapante em áreas úmidas, além de proporcionar uma superfície agradável.

## LINHA ANTIFADIGA CONFORT



Reduzem os sintomas dos desconfortos provenientes de estresse ou fadiga corporal.

TELEVENDAS: Vitória (27) 3338-6688 | Rio (21) 2471-7647 | Bahia (73) 3291-7805  
[www.viniltapetes.com.br](http://www.viniltapetes.com.br)



A viúva de Marielle Franco, Mônica Benício, ao lado de grafite da vereadora assassinada. FERNANDO FRAZÃO AGÊNCIA BRASIL

# MARIELLE ASSOMBRA FLÁVIO BOLSONARO MAIS MORTA DO QUE VIVA

**Não se pode voltar a matar os mortos, mas sua memória, sua força de denúncia, seu legado ainda continuam vivos. Nos julgam e nos perseguem**

Juan Arias - El País

Um jornalista italiano costumava me dizer que, às vezes, deveríamos temer mais certos mortos do que os vivos. Os mortos, de fato, não se pode voltar a matar, enquanto sua memória, sua força de denúncia, seu legado ainda continuam vivos. Nos julgam e nos perseguem.

O pesadelo que vive hoje, por exemplo, o senador eleito Flávio Bolsonaro, o filho mais velho do presidente da República, me fizeram lembrar daquele amigo distante.

O jovem Flávio é hoje objeto de investigação por suspeita de ter estado supostamente envolvido, quando era deputado estadual do Rio de Janeiro, em maracutaias de corrupção e obscuras amizades com milícias criminosas através de seu assessor e motorista oficial, o ex-policia militar Fabrício Queiroz, amigo de sua família desde 1980, em cuja conta bancária foram registrados movimentos milionários muito acima de suas possibilidades financeiras.

O “escândalo Flávio”, como já é conhecido, e que é um espinho no início do Governo presidido por seu pai, se complicou significativamente ao ter aparecido em seu caminho a sombra do assassinato de Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes, que comoveu o Brasil e cujos culpados ainda não foram identificados. É como se a jovem ativista feminista tivesse se levantado do túmulo para intervir no assunto.

Nas investigações levadas a cabo há quase um ano para descobrir os responsáveis pelo assassinato de Marielle apareceram os rastros de velhos amigos do senador eleito, hoje supostos responsáveis e executores do crime. Entre os apontados como possíveis suspeitos do assassinato da feminista aparece,

por exemplo, o ex-capitão do Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) Adriano Magalhães da Nóbrega, de 42 anos, hoje fugitivo. Sabe-se que a mãe e a mulher do temido e suposto assassino de Marielle figuravam até alguns meses atrás como assessoras do deputado Flávio, enquanto seu outro assessor e motorista, o ex-policia militar Fabrício Queiroz, é amigo de longa data de Magalhães, também chefe do temido Escritório do Crime, que reúne matadores especiais que agem a soldo e em seu nome.

É como se Marielle, desde o além, tivesse começado a desfazer o novelo de uma trama cujo objetivo ainda desconhecemos e da qual o presidente Bolsonaro queria se desfazer o mais rapidamente possível para evitar turvar seu Governo. Agora, por exemplo, se lembra de que quando a ativista social foi assassinada Flávio foi o único deputado do Rio de Janeiro que se recusou a apoiar a condecoração póstuma da medalha Tiradentes a Marielle. Hoje justifica seu gesto dizendo que a então vereadora de esquerda não tinha se destacado especialmente. Caberia perguntar por que então acabaram com sua vida se era tão insignificante.

No entanto, já em 2003 e 2004, o então deputado estadual havia condecorado duas vezes Magalhães, hoje suspeito do assassinato de Marielle, por “seu brilhantismo e galhardia”, e até lhe havia concedido a máxima condecoração, a Medalha Tiradentes, que negaria à feminista depois de assassinada.

A verdade é que Marielle, no momento em que foi assassinada era uma lutadora contra a violência dos esquadrões paramilitares das milícias, que, embora nascidos para se contrapor aos traficantes que assombravam as favelas, acabaram se tornando, e continuam sendo, tanto ou mais cruéis e peri-

gosos que os traficantes de drogas. E Marielle significava naquele momento a antítese da filosofia bolsonariana e sua visão dos diferentes. Era negra, feminista, lésbica, casada com uma mulher, defensora dos direitos humanos, da esquerda radical e ao mesmo tempo feliz e de bem com a vida e inimiga declarada das milícias.

Justamente daquelas milícias da favela do Rio das Pedras, na zona oeste do Rio, onde dominam o território. Hoje se sabe que a grande maioria dos votos dessa região serviu para eleger Flávio como senador. No ano passado ele considerou que Marielle tinha menos méritos para receber a Medalha Tiradentes dos que atribuiu anos atrás ao seu hoje provável assassino.

O filho do presidente sempre manteve uma visão romântica das milícias do Rio como defensoras dos perseguidos pelos narcotraficantes nas favelas. Seu pai, hoje presidente, quando ainda era deputado federal em Brasília, ia mais longe do que ele. Chegou a elogiar as milícias por sua missão como “grupos de extermínio” com estas palavras: “Enquanto o Estado não tiver a coragem de adotar a pena de morte, o crime de extermínio será bem-vindo”. Foi também o único candidato à presidência que não se manifestou sobre o assassinato de Marielle.

É possível que, tendo em vista que a ativista de direitos humanos se revirou perigosamente em seu túmulo para perturbar os sonhos do pai e do filho, estes estejam arrependidos de não terem sido mais condescendentes com a jovem feminista e mais solícitos para descobrir seus assassinos. E o pior, como dizia meu colega jornalista italiano, é que já não se pode voltar a matar os mortos.

# TESTE DE DNA DERRUBA UMA DAS MAIORES TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO SOBRE O NAZISMO

Teria Rudolf Hess, braço direito de Hitler, embarcado para a Escócia em uma missão secreta de paz? Ou tratava-se de um impostor?



Rudolf Hess durante um discurso, em 1937 Foto:Getty Images

Um novo estudo, liderado pelo patologista aposentado do exército dos Estados Unidos Sherman McCall, acaba de derrubar uma das teorias da conspiração mais conhecidas sobre a Segunda Guerra Mundial e o nazismo.

Nomeado vice-führer por Adolf Hitler em 1933, Rudolf Hess embarcou em uma perigosa missão em maio de 1941. Voou sozinho para a Escócia, em uma tentativa de intermediar a paz com a Grã-Bretanha. Durante todo esse tempo, a questão era: esse homem era realmente Rudolf Hess?

Diversos rumores circularam a respeito do incidente, que se tornou um dos maiores mistérios da Segunda Guerra. Muitas pessoas – incluindo Franklin Roosevelt – acreditavam que, na verdade, o homem enviado à Grã-Bretanha era um sócio de Hess, instruído a enganar os aliados por algum propósito nefasto dos nazistas. Outros acreditavam que o truque havia sido criado pelos próprios ingleses.

Rudolf Hess – ou seu sócio – foi capturado imediatamente ao chegar à Escócia. Detido, foi julgado por crimes de guerra e condenado a prisão perpétua. Passou seus últimos 40 anos na prisão Spandau, em Berlim Ocidental, onde foi encontrado morto

em 1987, aos 93 anos, em um aparente suicídio.

O corpo do prisioneiro, conhecido como Spandau #7 foi cremado e, assim, passou a ser impossível saber se tratava-se de um impostor ou do verdadeiro Führer adjunto. Sem restos físicos, a teoria da conspiração não poderia ser provada nem derrubada.

Para sustentar a teoria, havia o boato de que Spandau #7 não tinha cicatrizes no peito – que Hess havia adquirido durante a Primeira Guerra – e não exibia uma lacuna nos dentes da frente, característica de Hess.

No entanto, a prova final ainda estava por vir. Décadas após a morte do prisioneiro, pesquisadores do Centro Médico do

Exército Walter Reed, em Washington, descobriram que uma amostra de sangue do prisioneiro, retirada em 1982, ainda estava armazenada no local.

“Comecei a me dar conta da existência da mancha de sangue de Hess em uma observação casual durante minha residência em patologia no Walter Reed”, disse McCall à *New Scientist*. “Só me dei conta da controvérsia histórica alguns anos depois”.

McCall e sua equipe rastrearam um dos parentes vivos de Rudolf Hess e obtiveram dele uma amostra de saliva. Depois, compararam os marcadores de DNA com a amostra do sangue de Hess. Segundo os pesquisadores, a análise de DNA indica que há uma chance maior que 99,99% de que Spandau #7 seja de fato Rudolf Hess.

Para a equipe, o exame acabou com o mistério. “A teoria da conspiração alegando que o prisioneiro 'Spandau # 7' era um impostor é extremamente improvável e, portanto, refutada”. Os resultados foram publicados na *Forensic Science International: Genetics*.



Hitler e Hess, em 1939 Getty Images

Por Letícia Yazbek  
Aventura na História

# HÁ 50 ANOS, LAMARCA COMEÇAVA SUA CARREIRA DE GUERRILHEIRO

O capitão do Exército começava um confronto contra seus ex-companheiros, que passaria por roubos, sequestros e assassinatos, terminando numa implacável perseguição



Por Celso Miranda e Maria Dolores Duarte

Noite de 24 de janeiro de 1969. Uma Kombi para em frente a um portão de saída do complexo militar em uma região metropolitana de Osasco, Quitaúna. No banco da frente, o capitão do Exército Carlos Lamarca. Comandante do 4º Batalhão de Infantaria Leve, foi autorizado a passar sem sobressaltos.

Lamarca tinha 32 anos. Sua ficha militar revelava que era um ótimo atirador e que fora o 46º numa turma de 57 aspirantes da Academia Militar dos Agulhas Negras, a escola de formação de oficiais do Exército brasileiro. Em 1964, quando um golpe militar afastou da presidência o gaúcho João Goulart, Lamarca servia como tenente no Rio Grande do Sul e apoiou a ação do governador Leonel Brizola, que quis reagir ao golpe. Na época, foi acusado de deixar fugir um capitão brizolista detido na 6ª Companhia de Polícia do Exército, em Porto Alegre. Chegou a solicitar a inscrição no Partido Comunista Brasileiro, mas nunca a oficializou.

Em seu carro, um pequeno butim de material militar, destinado ao outro lado. Enquanto se afastava do quartel, o capitão Lamarca deixava para trás a carreira e os companheiros de farda e seguia destino oposto: organizar a luta armada contra o governo brasileiro. Derrubar a ditadura dos gene-

rais para instalar a "do proletariado", tentando reproduzir a façanha de Fidel e Che 11 anos antes.

"Disposto a desertar para se juntar à guerrilha, Lamarca costurava o pulo havia meses", conta Elio Gaspari, autor de A Ditadura Escancarada. Com um sargento, um cabo e um soldado, ele havia formado um grupo que vinha roubando armas leves e granadas do 4º RI. Em setembro de 1968, Lamarca se encontrou com Carlos Marighella, um dos líderes da guerrilha no Brasil, e com sua ajuda conseguiu enviar a mulher e os filhos para Cuba, onde eles estariam seguros. Era o que faltava para desertar.

## Plano de estreia

O plano para a estreia de Lamarca na guerrilha estava marcado. No dia 26 de janeiro, seu grupo roubaria o que pudesse do quartel. Eles imaginavam que poderiam levar um pequeno arsenal de 560 fuzis, além de dois morteiros de 60 mm. Com as armas, a VPR, uma entre tantas siglas das organizações que se armaram para lutar contra o governo militar, pretendia bombardear o Palácio dos Bandeirantes, enquanto outra turma tomaria a torre do Campo de Marte, causando um caos nas comunicações aéreas da cidade. "A ideia era dar a sensação de que o país vivia uma guerra civil", diz o historiador Jacob Gorender, autor de Combate nas Trevas.

Faltavam 3 dias para ação. Numa chácara em Itapeverica da Serra, a 30 km da capital, um grupo

da VPR terminava a pintura verde-oliva do caminhão que serviria para tirar as armas do quartel. Há duas versões para o que aconteceu. A primeira é de Gorender, que era membro do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário. Segundo ele, um menino que brincava na vizinhança viu o caminhão e foi posto para correr pelos "pintores" da VPR. O menino contou para o pai, que chamou a polícia. Quatro dos 5 ocupantes da chácara foram presos. "Era gente graúda na esquerda revolucionária", diz Gorender. Entre eles estavam o ex-sargento Pedro Lobo de Oliveira e o ex-soldado paraquedista Hermes Camargo Batista.

A outra versão é do próprio Pedro Lobo. "Nunca existiu menino algum. Essa história foi plantada pela Polícia do Exército para nos desmoralizar e encobrir o informante que nos delatou. Tenho certeza que alguém nos entregou", diz Lobo. Segundo ele, a polícia chegou sem aviso, cercou todo o terreno e entrou pelo portão da frente. "O caminhão estava quase pronto e fomos pegos de surpresa."

Menino ou não, as prisões colocaram em risco os planos da VPR. Avisado, o capitão Lamarca, imaginando que um dos presos poderia delatá-lo, não quis mais esperar e desertou no dia seguinte, levando consigo 63 fuzis FAL e 3 submetralhadoras INA. O bombardeio foi cancelado.

Continua...



Lamarca passou a viver escondido. Por ter experiência militar, era considerado um "quadro" – como eram chamados os que aderiam à luta armada, muito importante e acabou liderando um campo de treinamento da VPR, que reunia em maioria jovens dispostos a aprender tiro e técnicas de guerrilha com a ideia de iniciar um foco de rebelião em algum lugar do interior do Brasil. Para financiar suas ações, o grupo realizava assaltos a bancos, casas de armas e farmácias. Segundo o livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, de Emiliano José e Oldeck Miranda, entre janeiro e setembro de 1969 foram cerca de 20 ações, que eles chamavam eufemisticamente de "expropriações". Em maio, durante um assalto simultâneo a dois bancos no centro de São Paulo, Lamarca acertou um tiro na cabeça de um guarda civil. A operação repercutiu muito e ajudou a dar fama (e infâmia) ao capitão renegado. Na época, ele passou por uma cirurgia para reduzir o nariz e disfarçar a fisionomia, que já ia ficando conhecida nos cartazes de "procura-se".

**Bananase abacaxis**

Em abril de 1970, um militante da VPR capturado no Rio de Janeiro tinha uma informação que caiu como um "bomba" no Centro de Inteligência do Exército (CIE): Carlos Lamarca estava em algum lugar perto do quilômetro 250 da rodovia BR-116, nas proximidades de Registro, com um grupo de guerrilheiros.

No dia 21, o II Exército enviou homens para o vale do Ribeira. "Eram quase todos recrutas com 3 meses de instrução, sem prática de tiro, muitos carregando mosquetões", escreveu o general Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe do DOI-Codi de São Paulo - conhecido por ter sido o torturador da ex-presidente Dilma Rousseff e muito querido pelo presidente Jair Bolsonaro - em *Rompendo o Silêncio*. Na operação, as estradas foram fechadas, 120 pessoas foram detidas e toda a região passou a ser vigiada por helicópteros. Os guerrilheiros eram 17, mas Lamarca, informado do perigo, desativara as duas bases que mantinha por ali. "Oito deles foram embora de ônibus, misturados à população. Para a guerra, restavam 9. Dois foram capturados numa batida na estrada. Estavam sem documentos e acabaram presos", diz Gorender.

Os 7 restantes, incluindo Lamarca, fugiram pelo mato durante 3 semanas, até que em 8 de maio entraram num vilarejo para alugar o caminhão de um pequeno comerciante. "Ele fechou negócio, ofereceu-lhes comida e despachou um cavaleiro para avisar a polícia", diz Gaspari. Os militares montaram uma barreira na praça central de Eldorado Paulista. "Às 7 da noite, quando o caminhão chegou, um policial pediu aos passageiros que descessem e mostrassem os documentos. Eles desceram atirando, romperam a barreira, feriram 2 policiais e fugiram."

Mais à frente na estrada, a pouco mais de 1 km de Sete Barras, os fugitivos foram interceptados por uma nova tropa da PM com cerca de 30 homens. Dessa vez, os renegados nem foram detidos: antes disso, abriram fogo. Quando o tiroteio acabou, 8 soldados tinham fugido, 14 estavam feridos e 18 se renderam. O pelotão era comandado pelo tenente da PM Alberto Mendes Júnior, 23 anos, que negociou uma trégua. Lamarca e seus homens conduziram os feridos até a estrada, onde poderiam ser resgatados. Mendes foi transformado em refém. Mais alguns quilômetros e os guerrilheiros se viram diante de um comboio. Evitando outro combate, abandonaram o caminhão e se meteram no mato. Na confusão, dois guerrilheiros se perderam e foram capturados.

Restavam os 5 e o tenente Mendes. Segundo Jacob Gorender, foi no dia 10 de maio que o grupo resolveu que não poderia mais seguir com o refém. Decidiram matá-lo. "Nada lhe foi dito. Yo-shitane Fujimori, o Joel, deu-lhe uma coronhada na cabeça, o tenente caiu como um fardo. Foi morto a pauladas, com o crânio esfacelado, porque seus assassinos temiam que tiros revelassem o esconderijo. Sepultaram-



**Carlos Lamarca** *Wikimedia Commons*

no na mata", escreveu Gaspari.

A perseguição já durava 41 dias, quando os fugitivos, famintos e debilitados – eles se alimentavam de bananas e abacaxis roubados dos sítios locais, decidiram mandar um deles a São Paulo para buscar uma equipe de resgate. O mais jovem, sem ficha na polícia, foi até a estrada e pegou um ônibus. Deveria voltar no dia seguinte, mas não apareceu. Na noite de 31 de maio, os 4 resolveram arriscar tudo. Desceram à estrada e deram de cara com um caminhão do Exército. Pararam-no, renderam os 5 ocupantes, tomaram-lhes a farda e assumiram o volante. Poucos quilômetros adiante, perto de Taquaral, havia uma barreira do Exército. O caminhão foi parando. Bastaria que olhassem debaixo da lona para descobrir os soldados de cuecas. Porém os guerrilheiros mais procurados do país romperam o cerco sem dar um tiro. "É ordem do coronel", disse um deles. E a barreira se abriu.

**À sombra da baraúna**

Lamarca vagou por São Paulo, de esconderijo em esconderijo. Deixou a VPR e entrou no MR-8. Em julho de 1971, ele e a mulher, Iara Iavelberg, fugiram para a Bahia. Iara ficou em Feira de Santana e, com o nome de Cirilo e se dizendo geólogo, o capitão seguiu para Buriti Cristalino, um povoado de 50 casas, localizado no município de Brotas de Macaúbas, a 700 km de Salvador.

O plano era fazer da região um foco guerrilheiro,

mas Lamarca fez pouco a não ser se esconder durante o tempo em que permaneceu na Bahia. Acompanhado e apoiado por José Campos Barreto, o Zequinha, ele dedicava quase todo o seu tempo a escrever: seus textos dessa época vão da política à poesia e eram expressos em forma de cartas a Iara. Documento inédito na historiografia, as 23 cartas foram publicadas pelo jornal *Folha de S.Paulo* em 1987 e revelam o cotidiano de um homem solitário, confinado em seus pensamentos e isolado dos companheiros. Ele passava os dias "sempre muito quentes" protegido do sol numa barraca. Segundo o livro *Lamarca, o Capitão da Guerrilha*, ele tomava banho à noite e enterrava as próprias fezes para não deixar rastros.

Em agosto, enquanto Lamarca vivia em sua tenda em Buriti, um militante era preso no centro de Salvador. Era José Carlos de Souza, o Rocha, membro do MR-8, responsável pelo contato com Iara. Segundo Jacob Gorender, Souza foi levado para o quartel da Polícia do Exército. No primeiro dia, apanhou até as 2 da manhã. Os interrogadores queriam conhecer o paradeiro de Dino, líder do MR-8 na Bahia, e onde ficava dispositivo rural. Ele acabou revelando um "aparelho" do grupo em Salvador. "José Carlos não sabia o endereço, achou que iludira os interrogadores e estava certo de que, por cautela, o aparelho tinha sido desativado", diz Gaspari.

### O peso da delação

Celso Lungaretti não tinha 18 anos quando entrou para a Frente Estudantil Secundarista, em São Paulo. No ano seguinte, 1969, com sua foto estampada nos cartazes dos procurados vivos ou mortos pela polícia, caiu na clandestinidade. Foi quando passou a integrar a VPR e seguiu com Lamarca para o vale do Ribeira. "Eu não tinha a noção de que era uma batalha perdida", diz Lungaretti. Ao desistir da empreitada, ele voltou a São Paulo. Foi preso em 16 de abril de 1970 e, depois de ter sido torturado, revelou o local onde esteve com Lamarca, confiante de que estaria entregando só capim. O capitão havia lhe dito que iria implantar a base bem mais ao sul. Não foi o que aconteceu, e os militares chegaram até o campo no Ribeira. Lungaretti foi tomado como delator e sofreu por 34 anos com essa culpa. Em 2004, com a abertura de parte dos arquivos militares, ele pôde provar sua inocência. Escreveu *Náufrago da Utopia "Vencer ou Morrer na Guerrilha aos 18 anos, com o qual acredita ter acertado as contas com a história.*

Mas o DOI descobriu o endereço: ficava na rua Minas Gerais, em Pituba. Os militares cercaram todo o quarteirão e invadiram o edifício Santa Terezinha ao amanhecer de 20 de agosto e prenderam militantes do MR-8, a empregada e 2 crianças que estavam no apartamento 201. Quando se preparavam para partir, um vizinho denunciou que uma mulher estava escondida em seu apartamento, o 202, e que portava 2 revólveres.

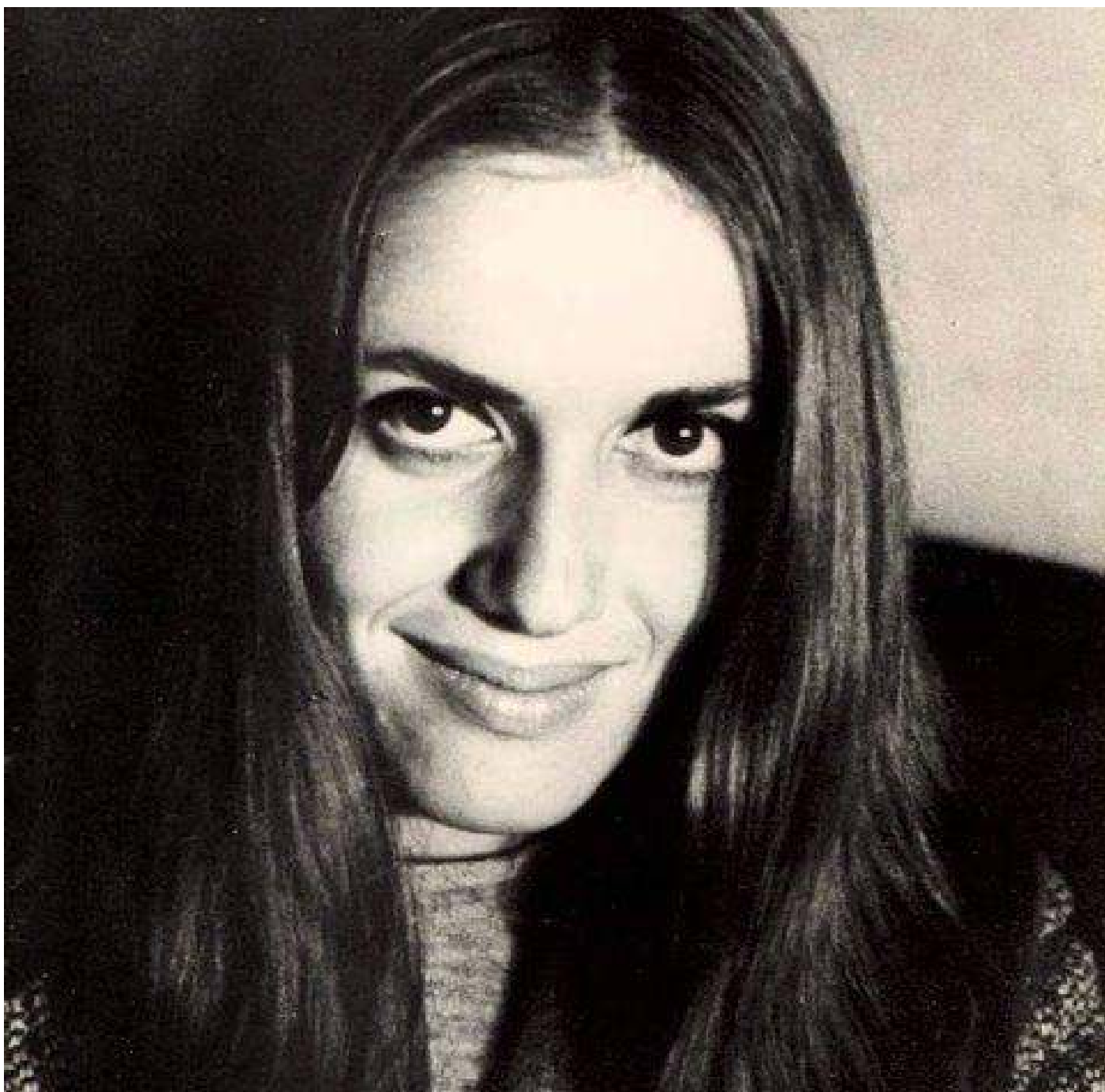
Era Liana, o codinome de Iara Iavelberg. Ouviu-se um tiro. Uma bala atravessou-lhe o coração e o pulmão esquerdo. Segundo o livro *Brasil: Nunca Mais*, a patrulha tentou levá-la a um hospital, mas no caminho Iara morreu. Durante mais de um mês, o corpo de Iara permaneceu no necrotério, em Salvador. O DOI acreditava que Lamarca poderia tentar resgatá-lo e o manteve como uma espécie de isca.

"Começavam a se cruzar os caminhos do ex-capitão Lamarca e do major Nilton de Albuquerque Cerqueira, chefe da 2ª seção do Estado-Maior da 6ª Região Militar, ex-comandante do Destacamento de Operações e Informações (DOI) de Salvador", afirmou Gaspari. "Filho de um sargento-músico do Exército, Cerqueira era um obstinado. Tinha aquela característica dos temperamentos napoleônicos que o levava a agir, já como major, como se estivesse escrevendo a biografia de um marechal."

### Acaça

Em 25 de agosto, o major Cerqueira reuniu na sede da 6ª Região Militar, em Salvador, todas as equipes que caçavam Lamarca no interior do estado. O objetivo era coordenar as ações dos 215 homens, entre os soldados e oficiais dos serviços secretos do Exército e da Aeronáutica, e os membros de diferentes instituições policiais de São Paulo, Bahia e Brasília. A ofensiva final sobre Lamarca recebeu o nome de uma praia de Maceió, terra natal de Cerqueira: Operação Pajussara.

Os militares chagaram a Buriti Cristalino no dia 28. Foram direto à casa dos Barreto. Olderico, 23 anos, e Otoniel, 20, irmãos de Zequinha, dispararam contra a tropa. O primeiro foi derrubado com um tiro no rosto, o segundo com uma rajada de submetralha-



Iara, guerrilheira e mulher de Lamarca *Wikimedia Commons*

dora. Segundo os próprios registros oficiais da operação, José Barreto, pai de Olderico e Otoniel, foi torturado por vários dias para que revelasse o esconderijo do filho Zequinha.

Lamarca e Zequinha estavam perto o bastante do tiroteio para escutar os tiros e fugir de Buriti rapidamente, deixando para trás no acampamento cigarros, munição e latas de comida. Correram 9 km no meio da noite e chegaram a um engenho. Durante dias, evitaram qualquer vilarejo, qualquer casinha e até as trilhas de caçadores e garimpeiros. Mas, no dia 7 de setembro, foram localizados e denunciados próximos ao povoado Três Reses. Fugiram antes da chegada da força. Atravessaram a serra da Conceição e entraram na caatinga. Lamarca estava doente, faltava-lhe fôlego, mal andava. "Zequinha carregava-o nas costas. Alguns camponeses de Carnaúba ouviram quando ele pediu para ser abandonado pelo amigo", afirma Gaspari, em *A Ditadura Escancarada*.

Durante 20 dias, os dois homens andaram 300 km. Alimentavam-se de rapadura e bebiam nos tanques de gado. Assim, desnutridos e desidratados, chegaram à região de Brotas de Macaúbas. Lamarca, com 1,73 m de altura, pesava apenas 60 kg.

*Brasil: Nunca Mais*

Zequinha saiu correndo e foi morto por rajadas de metralhadora. Lamarca não chegou a levantar e levou 7 tiros. Segundo os registros da autópsia, citados por Gaspari, "uma das balas atravessou-lhe o tórax, transfixando o coração e os dois pulmões."

"Amarraram-no a um pau e levaram-no para a beira da estrada, onde uma caminhonete transferiu os cadáveres para Brotas", diz Gaspari. De lá, embarcaram-no para Salvador e no aeroporto foi jogado no chão para que fosse fotografado. Lamarca ainda tinha os olhos abertos. ... ..



# Filtro

Compilações Selecionadas

## ANUNCIE CONOSCO

Temos um espaço publicitário para divulgação de sua empresa, produtos ou serviços

# KING MASON!

15% desconto para pagamento á vista

(13)98882-9938 



# KING MASON!

Ir. Fittipaldi Designer e Artesão de Jóias.  
T. F. A.

Mais informações e pedidos

Ir. Fittipaldi

(13)98882-9938

[www.kingmason.com.br](http://www.kingmason.com.br)



# MIGUEL DE CERVANTES: O GIGANTE DA LITERATURA ESPANHOLA

Há 414 era publicado a primeira edição de Dom Quixote, uma das maiores conquistas da literatura mundial

Rodrigo Casarin – Aventura na História

**E**m 17 de janeiro de 1605, era publicado em Madrid a primeira edição de El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha (Livro I de Dom Quixote) de Miguel de Cervantes. Composto por 126 capítulos, a obra foi dividida em duas partes. Sendo que a segunda só foi lançada 10 anos depois, em 1615. O livro até hoje é um marco da literatura mundial e o maior livro da literatura espanhola, estima-se que foi vendido mais de 500 milhões de cópias até os dias de hoje.

No texto Notas sobre a Máquina Voadora, da edição brasileira da Editora Penguin, o escritor e crítico literário argentino Ricardo Piglia aponta Dom Quixote como “o primeiro romance da história” e cita suas traduções: “É um dos primeiros acontecimentos da literatura a chegar a lugares muito diversos. A primeira tradução para o inglês é de 1612. A tradução para o francês, de 1614. Para o italiano, em 1622. Para o alemão, em 1621. Quase imediatamente o livro começou a circular em todas as línguas.”

## Gigante da Literatura

Nascido em 29 de setembro de 1547, a vida de Miguel de Cervantes vida foi uma confusão sem fim. Depois de passar a infância mudando constantemente de cidade – passou por lugares como Valladolid, Córdoba e Madri –, em 1569 precisou sair da Espanha depois de ser condenado ao decepamento da mão direita e a passar dez anos banido do país por ter ferido em um duelo em Sevilha um rapaz com boas relações com a corte. Ruma então para a Itália, onde alguns anos depois se alista em uma das companhias da Santa Liga – Exército europeu que combateu as invasões turcas – e luta na Batalha de

Lepanto, em 1571, na Grécia. Lá seria ferido gravemente, com dois tiros no peito e um na mão esquerda – se havia salvo a mão direita ao fugir de sua terra natal, a esquerda permaneceria troncha para o resto de sua vida.

Passou cerca de um ano internado em um hospital da Sicília, até que conseguisse se recuperar e fosse reintegrado ao Exército pelo qual participaria de novas campanhas. Somente em 1575 Cervantes resolve voltar à Espanha. Embarca em Nápoles tendo Barcelona como destino, porém, no dia 26 de setembro, sua embarcação é atacada por piratas e Miguel é levado para Argel como prisioneiro escravizado, que só seria libertado depois de pago um resgate.

O escritor permaneceria preso até 1580. Durante esse tempo, participou de, pelo menos, quatro tentativas frustradas de fuga e só não foi morto porque carregava consigo algumas cartas de recomendação assinadas por dom João de Áustria, almirante-mor da Santa Liga, e pelo vice-rei da Sicília. Por causa desses documentos, o rei de Argel acreditava que tinha em posse alguém de grande valia, por quem pagariam uma quantidade substancial de dinheiro. Para que conseguissem libertar Miguel, seus pais precisaram fazer grandes dívidas e ainda contar com a ajuda de padres trinitários, que resgataram o homem de Argel. Depois de 12 anos, finalmente, o escritor voltaria a Madri e estaria novamente com a família.

Em 1584, Cervantes teria tido um caso com Ana Franca de Rojas, uma taverneira com quem possivelmente teve sua única filha, Isabel. Não há certeza, no entanto, de que ela era mesmo filha do escritor. O que se pode afirmar é que no mesmo ano, em dezembro, ele se casa com Catalina Salazar.

Continua...

A dúvida sobre a paternidade de Cervantes é um dos muitos exemplos dos vazios e incertezas que há em sua biografia. “Os documentos historiográficos sobre ele são poucos, há grandes lacunas e alguns mistérios, principalmente no período da sua juventude. Pesquisadores buscam detalhes de sua vida até nos livros que ele próprio escreveu, principalmente nos prólogos – como em *Novelas Exemplares*, onde há um autorretrato –, o que é incerto, porque são obras de ficção. O episódio do duelo que teria motivado o desterro, por exemplo, embora muitos considerem a explicação mais plausível para sua saída da Espanha, não tem comprovação direta. Há algumas certezas: que ele teve uma vida nômade, que foi ferido na guerra e ficou cinco anos preso em Argel, por exemplo”, explica Sérgio Molina, responsável pela tradução de *Dom Quixote* para a Editora 34.

Jean Cavanaggio, um dos mais respeitados cervantistas e autor de *Cervantes*, uma espécie de ensaio biográfico sobre o autor, também aponta esses problemas em sua obra. “Boa parte de seus escritos se perdeu; os que lhe foram atribuídos a posteriori são de autenticidade duvidosa, e mesmo os que conservamos e fizeram sua glória têm uma gênese ainda obscura, baseada em vagos indícios. Os manuscritos que chegaram até nós limitam-se a atas notariais, anotações de contas e duas ou três cartas”, escreve.

Com a falta de documentos, muitos historiadores e estudiosos fazem suas inferências quanto à vida do escritor. Para o dramaturgo Fernando Arrabal, autor de *Un Esclavo Llamado Cervantes*, por exemplo, há evidências de que o espanhol era homossexual, que *Dom Quixote* é um romance homoerótico e que seu autor só teria conseguido deixar Argel com vida porque seria amante do rei local.

### Escritor sem Fim

Mesmo em meio a uma vida tão atribulada, Cervantes se tornaria um dos escritores mais importantes da História. Uma figura-chave para que isso acontecesse foi Juan López de Hoyos, reitor do Estudio de la Villa, importante escola preparatória para o ingresso na universidade – universidade que Miguel jamais chegou a cursar. O primeiro soneto de Cervantes de que se tem notícia data de 1567. No ano seguinte, quando vira aluno de López de Hoyos, sua produção se intensifica, tanto que o mestre inclui já em 1569 – mesmo ano em que o escritor foge para a Itália –, quatro poemas do pupilo em uma publicação em homenagem à recém-finada rainha Isabel.

Durante a mais de uma década que esteve fora da Espanha, o autor provavelmente não deixou de escrever, em que pesem os percalços. “No período em que foi soldado e esteve preso em Argel, presume-se que Cervantes não tenha tido condições de escrever de forma sistemática, mas ele depois trabalharia essas experiências em sua literatura. *A Novela do Capitão Cativo*, interpolada em *Dom Quixote*, e as peças *Los Tratos de Argel* e *Los Baños de Argel* são bons exemplos disso”, conta Molina. Fato é que no próprio cativeiro Cervantes compôs sonetos para alguns companheiros também sequestrados.

Quando retorna à Espanha, revê sua família, casa-se, consegue um emprego e leva uma vida relativamente estável – as mudanças de cidade continuariam acontecendo periodicamente e, de vez em quando, ainda teria problemas com a Justiça e passaria algumas temporadas na prisão (acusado de venda ilegal de trigo, por exemplo) –, conseguindo enfim engrenar sua produção literária. “Cervantes escreveu muito mais que *Dom Quixote*, mesmo se levarmos em conta apenas a obra narrativa, que inclui quatro livros – cinco, consideran-



Cervantes escreveu sua obra mais famosa, *Dom Quixote* em 1597 Reprodução

do as duas partes de *Quixote* –, mais os textos que se perderam. Tem também a produção teatral, que é muito importante, e a poética, que, embora menor, não é de desprezar”, completa Sérgio Molina.

### Moinhos de Vento

Cervantes produz sua obra com o apoio de vários mecenas. O principal deles foi o conde de Lemos, vice-rei de Nápoles, com quem o autor teve uma desilusão ao não ser convidado para fazer parte de um círculo de escritores na cidade italiana. Ele publica em 1585 *La Galatea*, mas é em 1605 que, enfim, lança a primeira parte da obra que gravaria para sempre seu nome na literatura universal, *Dom Quixote*, sucesso imediato na Espanha e fora dela.

No texto *Notas sobre a Máquina Voadora*, da edição brasileira da Editora Penguin, o escritor e crítico literário argentino Ricardo Piglia aponta *Dom Quixote* como “o primeiro romance da história” e cita suas traduções: “É um dos primeiros acontecimentos da literatura a chegar a lugares muito diversos. A primeira tradução para o inglês é de 1612. A tradução para o francês, de 1614. Para o italiano, em 1622. Para o alemão, em 1621. Quase imediatamente o livro começou a circular em todas as línguas.”

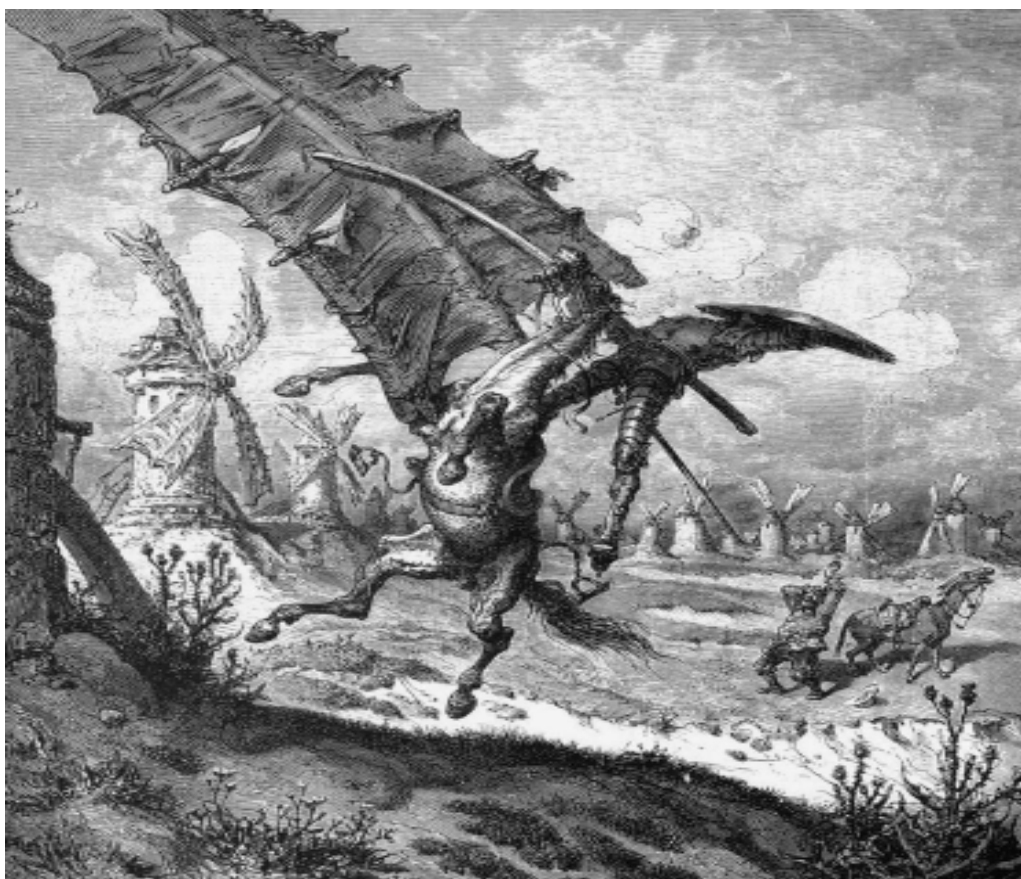
O reconhecimento foi praticamente instantâneo. “Alguns escritores espanhóis contemporâneos de Cervantes tentaram desqualificá-lo por ele ter feito uma obra cômica, que seria um gênero inferior, mas já havia aí despeito por causa do sucesso do livro. O cômico em *Dom Quixote* é apenas uma das suas camadas de entendimento; há todo um jogo de ironias que permite, por exemplo, criticar os poderosos pela boca de personagens que os elogiam. O texto é muito ambíguo. Segundo Américo Castro [outro acadêmico que dedicou parte de sua vida às pesquisas sobre o escritor], boa parte da grandeza de *Dom Quixote* resulta das artimanhas que Cervantes usou para contornar a censura da Inquisição”, diz Molina.

No rastro do sucesso, em 1614 uma continuação da obra é lançada por outro escritor, que se esconde sob o pseudônimo de Alonso Fernandez de Avellaneda, cujo trabalho ficaria conhecido como *Dom Quixote Apócrifo*. “É um livro super moralista, que reduz o personagem ao risível, tanto que ele acaba num manicômio, e muito desrespeitoso com o próprio Cervantes, que é diretamente insultado no prólogo”, aponta o tradutor.

O autor original não gostou nem um pouco da cópia, tanto que no segundo volume verdadeiro de *Dom Quixote*, lançado em 1615 – em datas próximas ainda publicou outras três obras –, faz referências ao título apócrifo. Na história, o protagonista muda seus caminhos apenas para contrariar o que havia sido escrito por Avellaneda e até encontra os volumes com sua falsa história sendo impressos em uma tipografia.

O tempo, os estudos e as diversas interpretações que se podem fazer sobre a obra máxima de Cervantes foram essenciais para que tanto *Dom Quixote* quanto seu autor chegassem a ser relevantes pelo resto da história. “A primeira parte virou uma febre internacional. Ao longo do século 17, o livro começa a ser citado e retrabalhado por escritores de vários países, incluindo William Shakespeare. No século 18, a febre explode de vez: na Inglaterra, Cervantes é adotado como mestre do romance satírico por escritores como Laurence Sterne, fascinados com as possibilidades abertas pelo narrador que ele criou, pela mistura de gêneros, pelo fio narrativo sinuoso, por toda a liberdade que sua obra comporta e propõe.

Na virada para o século 19 surge na Alemanha a interpretação romântica de *Dom Quixote*, que ainda persiste até hoje entre boa parte dos leitores. Já na Espanha, depois do sucesso inicial da primeira parte, o romance fica em segundo plano e só começará a ser redescoberto no século 19, e para valer mesmo em pleno século 20”, explica Molina. Cervantes é um gigante que continua vivo mesmo anos após sua morte



A luta de Dom Quixote contra os moinhos de vento ;Reprodução



'Alguns amigos acham que é um pouco estranho ou nojento, mas eu não ligo. Fico feliz em contribuir', diz Campenella

# TRANSPLANTE FECAL

## 'POR QUE RESOLVI VIRAR UMA DOADORA DE FEZES'

Michelle Roberts BBC News

**C**laudia Campenella, de 31 anos, trabalha como gerente do serviço de apoio a estudantes de uma universidade do Reino Unido e, nas horas vagas, é doadora de fezes.

"Alguns amigos acham que é um pouco estranho ou nojento, mas eu não ligo. É muito fácil doar, e eu só quero ajudar as pesquisas médicas. Fico feliz em contribuir."

O material, repleto de bactérias "boas", será usado em transplantes fecais - que consistem em transferir as fezes de um doador (por via anal, oral ou nasal) para o intestino de outro paciente, como forma de tratamento para doenças relacionadas ao intestino.

Campenella sabe que a doação é extremamente útil - é por isso que ela se voluntaria -, mas o que a qualifica para tal?

Os cientistas acreditam que as fezes de algumas pessoas podem conter uma mistura ideal de bactérias saudáveis para curar doenças intestinais, o que as tornaria "superdoadoras".

Campenella conta que decidiu começar a doar porque leu que os veganos podem ser candidatos particularmente qualificados.

Não há nenhuma evidência forte de que as fezes de indivíduos veganos sejam melhores do que qualquer outra, mas os pesquisadores estão investigando o que pode tornar o material fecal "superior".

Nosso intestino abriga milhões de bactérias que vivem em uma espécie de comunidade. Este microbioma é diversificado, sendo único para cada indivíduo - não há dois exatamente iguais.

Embora o transplante fecal ainda seja um campo relativamente novo da medicina, estudos sugerem que alguns doadores oferecem material de mais qualidade para o procedimento.

Justin O'Sullivan, especialista em biologia molecular na Universidade de Auckland, na Nova Zelândia, estuda o conceito de "superdoadores" de fezes.

"Nós vemos transplantes de 'superdoadores' atingirem taxas de remissão que são eventualmente o dobro da média", diz O'Sullivan.

"Nossa esperança é que, se conseguirmos descobrir como isso acontece, podemos melhorar o

sucesso do transplante fecal e até testar o procedimento para novas condições associadas ao microbioma, como Alzheimer, esclerose múltipla e asma."

Jon Landy é gastroenterologista da rede de hospitais que atende a região oeste de Hertfordshire, na Inglaterra, e ajuda a coordenar a unidade de transplante fecal.

Ele concorda com a ideia de um "superdoador", mas diz que encontrar um pode ser complicado.

"Ainda não entendemos o que faz um 'superdoador'", afirma.

"Sempre nos certificamos de que os doadores são indivíduos saudáveis e não apresentam nenhuma doença, mas não testamos todo o microbioma para ver como é."

"São investigações deste tipo que precisam ser feitas", completa.

«Doar é muito fácil. É simples de fazer. Se você está pensando a respeito, verifique se um hospital próximo oferece o serviço e entre em contato com eles".

"Eu coeto minha amostra fresca em casa em um recipiente fornecido pelo hospital. E deixo no hospital no meu caminho para o trabalho. É só um pouquinho de esforço", acrescenta.

Ela agora está pensando em se tornar doadora de sangue também.

"Não cheguei a doar ainda, mas é algo que eu poderia fazer."



Nosso intestino abriga milhões de bactérias que vivem em uma espécie de comunidade

Fezes perfeitas?

Continua...

**Bactérias fecais**

A pesquisa de O'Sullivan, publicada na revista científica *Frontiers in Cellular and Infection Microbiology*, indica que apresentar uma grande variedade de micro-organismos nas fezes pode ser uma vantagem.

Segundo ele, a presença de um número maior de espécies no material fecal do doador tem se mostrado um dos fatores que mais influenciam o resultado do transplante fecal. E os pacientes que respondem bem aos transplantes também desenvolvem um microbioma mais diversificado.

Mas estudos sugerem que o sucesso do procedimento também pode depender de quão compatível é o doador com o paciente.

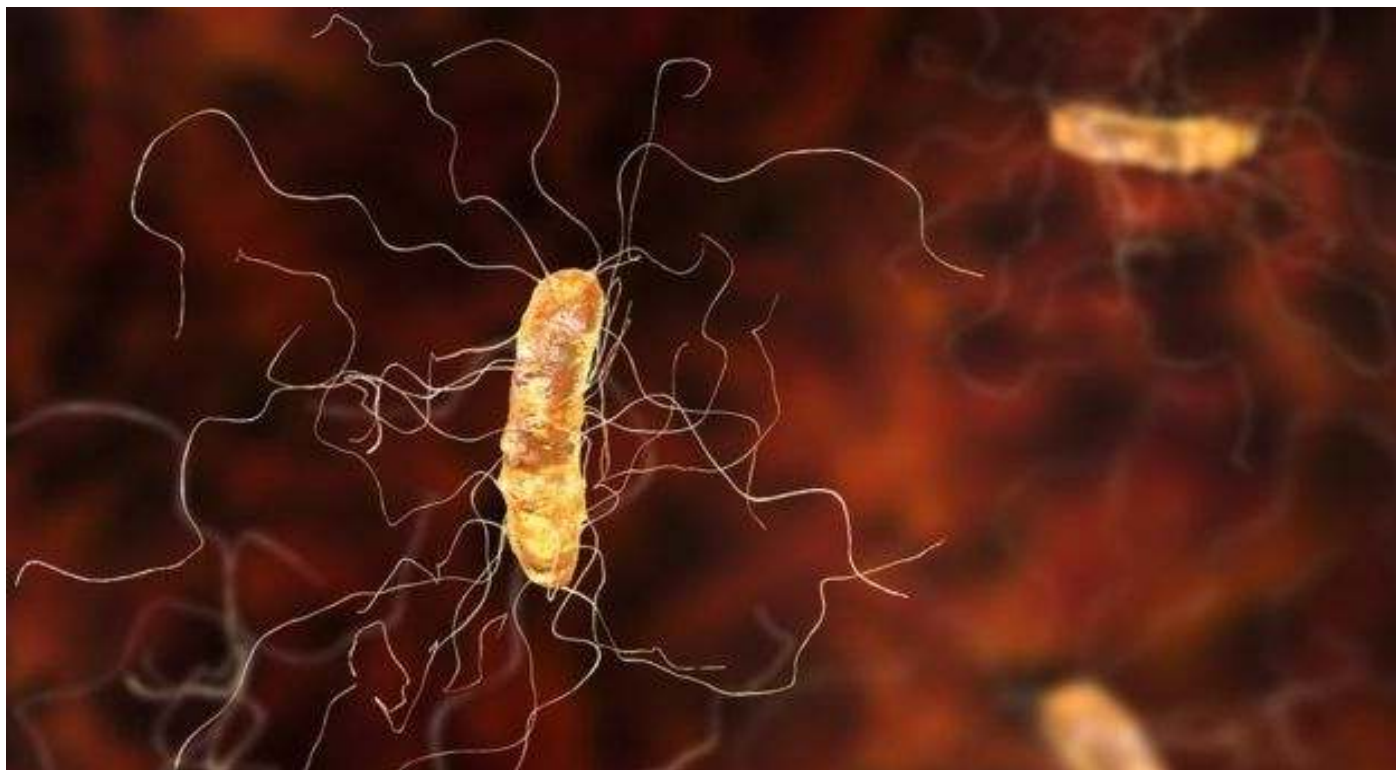
E pode não ser apenas uma questão de que bactérias estão presentes nas fezes.

"Alguns casos de infecção com diarreia recorrente foram curados com transplantes de fezes filtradas, que tiveram todas as bactérias vivas filtradas, mas ainda contêm DNA, vírus e outros detritos."

"Esses vírus podem afetar a sobrevivência e a função metabólica das bactérias transplantadas e de outros micróbios", explica O'Sullivan.

Julie McDonald, especialista em microbiomas do Imperial College London, na Inglaterra, estuda como aumentar a taxa de sucesso dos transplantes de fezes.

Atualmente, a maioria das doações é usada para tratar infecções por *Clostridium difficile*, que podem ocorrer quando as bactérias "boas"



do intestino do próprio paciente são eliminadas por antibióticos. Para os mais vulneráveis, pode ser mortal.

A pesquisa de McDonald sugere que os transplantes fecais desempenham uma função muito específica, substituindo algo que foi perdido em decorrência da doença.

Ela descobriu que os pacientes que sofrem de infecções por *Clostridium difficile* apresentavam níveis quase imperceptíveis de um valorato de ácido graxo de cadeia curta produzido pelo metabolismo microbiano do intestino saudável.

Os níveis só puderam ser restaurados com um transplante fecal bem-sucedido.

"Em nosso laboratório, estamos tentando

descobrir exatamente como os transplantes funcionam e estamos vendo até se deixamos de transplantar as fezes propriamente ditas."

Em vez de dar ao paciente uma injeção fecal, eles receberiam um tratamento baseado nas fezes, que poderia ser considerado menos invasivo.

Segundo ela, isso poderia ajudar a contornar a questão do tabu associado à doação de fezes.

Campenella quer que as pessoas "superem a barreira psicológica" e cogitem se tornar um doador.



**QUER MORAR, EMPREENDER OU ESTUDAR EM PORTUGAL? PROCURE-NOS!**

**ATENDIMENTO EM LISBOA E NO PORTO**

- Abertura de Conta Bancária
- Abertura de empresas
- Apoio na selecção de Escola e matrícula
- Apostilamento de Documentos
- Assessoria na obtenção de Visto de Residência em Portugal
- Autenticação de documentos e reconhecimento de assinaturas
- Contrato água, luz, gás e internet
- Elaboração de Estratégia Migratória
- Inscrição na Segurança Social
- Nacionalidade
- Obtenção de documentação junto de entidades publicas
- Obtenção de NIF (Número de Identificação Fiscal)
- Processo de inscrição em ordens profissionais
- Processo de matrícula em Faculdade (curso superior ou mestrado)
- Processos de equivalência de estudos
- Prorrogação da Autorização de Residência
- Prorrogação do Visto
- Reagrupamento familiar
- Representação em reuniões do condomínio

**Geraldo Ribeiro**

E-mail: [geraldoribeirocj@gmail.com](mailto:geraldoribeirocj@gmail.com)

Telefone: +351 963 798 888



GETTY IMAGES

Aghoris saem do isolamento durante os festivais hindus Kumbh Mela

# QUEM SÃO OS AGHORIS?

Os hindus sagrados canibais que bebem em crânios humanos, não usam roupa e fumam maconha

Por Swaminathan Natarajan - BBC World Service

**E**les meditam, comem, dormem e se entregam ao sexo em meio a cadáveres em chamas em crematórios a céu aberto. Eles andam nus, comem carne humana, usam humanos como tigelas e fumam maconha. Eles emergem de sua existência isolada somente durante os Kumbh Mela, os principais festivais do hinduísmo, que ocorrem em quatro locais diferentes na Índia - cada um deles sempre a cada 12 anos.

Esses homens hindus considerados sagrados, que vivem em campos de cremação - e esfregam cinzas no próprio corpo -, à margem da sociedade indiana, são conhecidos como aghoris.

Em sânscrito, a palavra aghori significa "não aterrorizante", mas os relatos de seus rituais mórbidos evocam curiosidade e medo entre muitos.

## Progresso espiritual

"O princípio subjacente de sua prática é transcender as leis de pureza, a fim de alcançar a iluminação espiritual e ser um com Deus", diz James Mallinson, que ensina Sânscrito e Estudos Indianos Clássicos na Escola de Estudos Africanos e Orientais (SOAS, na sigla em inglês), em Londres.

Educado em Oxford, Mallinson também é um *mahant* ordenado, ou guru, de um culto ascético diferente. Seu grupo é mais conhecido e cumpre as leis de pureza, o que significa que as práticas dos aghori são proibidas entre eles.

Mas ele teve várias interações com aghoris.

"A abordagem aghori é assumir os tabus óbvios e quebrá-los. Eles rejeitam as noções normais de bom e ruim", diz Mallinson.

"Seu caminho para o progresso espiritual envolve práticas loucas e perigosas, como comer carne humana e até mesmo suas próprias fezes. Mas eles acreditam que fazendo essas coisas que os outros evitam,

alcançam um estado aprimorado de consciência."

## Origem

As tradições praticadas hoje parecem ser de origem recente - a palavra aghori começou a ganhar força apenas durante o século 18.

Mas eles assimilaram uma série de práticas dos temidos kapalikas (literalmente "portadores de caveiras"), que foram documentados já no século 7. Os kapalikas até praticaram sacrifícios humanos, mas a seita não existe mais.

Ao contrário de algumas ordens hindus conhecidas, os aghoris não são muito bem organizados. Na maior parte do tempo, eles vivem isolados e não confiam facilmente em pessoas de fora. Eles nem sequer mantêm contato com membros de sua própria família.

A maioria dos aghoris vem de castas inferiores da sociedade indiana.

"Pode-se encontrar uma grande variedade em termos de realização intelectual. Poucos deles são realmente espertos, mas um aghori foi até conselheiro do rei do Nepal", diz Mallinson.

## Sem ódio

Manoj Thakkar, autor do livro *Aghori: um romance biográfico*, argumenta que eles são um grupo profundamente incompreendido.

"Aghoris são pessoas muito simples que vivem com a natureza. Eles não fazem exigências."

"Eles veem tudo como uma manifestação de um ser supremo. Eles não rejeitam nem odeiam ninguém ou algo. É por isso que não fazem distinção entre a carne de um animal abatido e a carne humana. Eles comem o que recebem."

Os sacrifícios de animais também formam uma parte importante de sua adoração.

"Eles fumam maconha e ainda tentam ser autoconscientes, mesmo no estado alterado."

Continua...



**Pequeno grupo**

Tanto Mallinson quanto Thakkar dizem que há poucas pessoas que realmente praticam o sistema de crença aghori.

Eles argumentam que muitos dos que aparecem nos festivais são apenas membros autodenominados da ordem, sem a iniciação adequada. Dizem que alguns agem como aghoris para entreter turistas e ganhar dinheiro.

Os visitantes oferecem comida e dinheiro a eles, mas Thakkar diz que os verdadeiros aghoris são indiferentes ao dinheiro.

"Eles rezam pelo bem-estar de todos, não ligam para pessoas que queiram sua bênção para um filho ou para construir uma casa."

Os aghoris adoram principalmente Shiva - o deus hindu da destruição - e sua companheira, Shakthi. No norte da Índia, apenas homens são admitidos na ordem, mas na região de Bengala é possível ver mulheres vivendo nos crematórios a céu aberto. Há uma diferença, no entanto: elas usam roupas.

"A maioria das pessoas tem medo da morte e os crematórios simbolizam a morte. Esse é o ponto de partida para um aghori: eles querem desafiar a moral e os valores do homem comum", explica Thakkar.

**Serviço Social**

Mas nem tudo é confrontado por eles.

Nas últimas décadas, a tradição aghori se apropriou de ideias tradicionais e começou a fornecer serviços médicos para pacientes com hanseníase.

"Os aghoris estão trabalhando com aquelas consideradas as pessoas mais intocáveis da humanidade", diz Ron Barrett, antropologista médico e cultural de Minnesota, nos Estados Unidos.

"De certo modo, as clínicas de tratamento da hanseníase tomaram o lugar dos crematórios, mas em vez do medo da morte, os aghori estão confrontando o medo de uma doença", ele disse em entrevista ao Emory Report, da Emory University, nos Estados Unidos.

Pacientes com hanseníase, muitos deles abandonados por suas famílias, encontram refúgio no hospital administrado pelos aghoris na cidade de Varanasi, no nordeste da Índia.

Os pacientes são submetidos a terapias que variam de medicina ayurvédica (que reúne terapias alternativas) e banhos rituais à medicina ocidental moderna.

"Os remédios e bênçãos estão misturados."

Alguns aghoris usam telefones celulares e transporte público. Cada vez mais muitos deles usam roupas quando visitam áreas públicas.

**Sem sexo gay**



GETTY IMAGES

Aghoris passam muito tempo em crematórios a céu aberto



Aghoris esfregam seus corpos com cinzas retiradas de piras funerárias

Mais de um bilhão de pessoas seguem o hinduísmo, mas não necessariamente um conjunto uniforme de crenças. Não há profeta ou texto sagrado reverenciado por todos os praticantes.

É difícil estimar o número de aghoris, mas especialistas dizem que deve haver no máximo alguns milhares.

Mesmo para a maioria dos indianos, que estão habituados aos costumes do grupo, um encontro casual com aghoris pode ser profundamente perturbador.

Alguns membros da seita admitiram publicamente que fizeram sexo com cadáveres. Mas entre eles ainda permanece um tabu.

"Eles fazem sexo ritualístico com prostitutas. Mas eles não aprovam o sexo gay", diz Mallinson.

E quando os aghoris morrem, seus corpos não são comidos por seus companheiros: eles são enterrados ou cremados como o resto de nós.

**AGORA COM 15 MESES DE GARANTIA**

**CARIACICA 3336-5636 | SERRA 3328-4770**



**Baterias**  
**SUPER LIGHT**

**Há 30 anos trabalhando com as melhores marcas**





# EXISTE VIDA NO FUNDO DA ANTÁRTIDA

**Expedição chega ao lago Mercer, o mais profundo que já foi explorado no continente. É um ambiente semelhante ao dos lagos de Marte e ao dos oceanos das luas de Júpiter e Saturno**

**Nuño Domínguez – El País**

Foi como pousar em outro planeta”. É assim que vários membros de uma expedição à Antártida descrevem o momento em que suas câmeras mostraram pela primeira vez o fundo do lago Mercer, o mais profundo que já foi explorado em detalhes neste continente. Sob o gelo da Antártida há mais de 300 lagos – muitos deles conectados – que formam um ambiente mais desconhecido do que a superfície de Marte.

Depois de uma década de preparação, uma expedição liderada pelos EUA conseguiu perfurar 1.068 metros de gelo até alcançar as águas do Mercer. “Acreditamos que este lago e todos os organismos que o habitam estiveram completamente isolados do exterior por pelo menos 100.000 anos”, explica John Priscu, líder científico da expedição Acesso Científico aos Lagos Subglaciais da Antártida (Salsa).

Estes sarcófagos líquidos são a coisa mais parecida que existe em nosso planeta com os lagos e oceanos subglaciais de Marte, Plutão, ou das luas de Júpiter e Saturno, algumas com mais água do que toda a Terra. Eles são os lugares mais prováveis para encontrar vida no Sistema Solar.

No dia 26 de novembro, uma caravana de escavadeiras, tratores e contêineres instalados em trenós saiu da base antártica norte-americana de McMurdo para fazer uma travessia de 1.046 quilômetros até o interior do continente. Um veículo com radar lidera a comitiva enviando sinais ao subsolo para detectar rachaduras que poderiam sepultar os veículos sob toneladas de gelo. A caravana inclui habitáculos móveis equipados com calefação, beliches, sala de refeições e cozinha onde se pode até assar pão no meio do inóspito deserto de gelo. Também transporta quase 500 toneladas de equipamentos necessários para perfurar o gelo e analisar o lago. Depois de chegar ao lago pela primeira vez em 2017, as escavadoras começaram a construir uma pista de aterrissagem para os aviões que levaram o resto da expedição, em um total de 50 participantes, entre cientistas, perfuradores, montanhistas e militares.

No início dos anos 1960, cientistas soviéticos que exploraram a Antártida detonaram cargas explosivas incrustadas no gelo para medir a propagação da onda expansiva. Assim foi descoberto o lago Vostok, o maior da Antártida, enterrado a 3.400 metros sob o gelo. Desde então Rússia, EUA e outros países

lançaram uma corrida para serem os primeiros a alcançar e analisar a água pura de um desses lagos. A Rússia alegou ter conseguido isso em 2012, mas as amostras poderiam estar contaminadas e não ser válidas. O Mercer, descoberto há uma década com imagens de satélite, é “o mais profundo que se alcançou sem contaminar a água e que foi explorado em detalhes”, diz Priscu, já de volta à Estação McMurdo.

O lago Mercer tem uma superfície maior que a cidade de Barcelona e uma profundidade de 15 metros. A missão chegou às suas águas em 27 de dezembro de 2018, depois de derreter cerca de 28 toneladas de gelo com uma máquina de perfuração que cospe água quente esterilizada. Durante os primeiros dias de 2019 foram retirados 60 litros de água e cinco metros de colunas de sedimentos do fundo do lago que, ao chegar a superfície, “borbulhavam com um gás ainda não identificado” explica Priscu. O lago está a meio grau abaixo de zero, mas a pressão em seu interior é cerca de 100 vezes maior do que na superfície, o que permite que a água permaneça líquida e em contato com a lama e as rochas no fundo, um ambiente propício à vida.

**Continua...**

Os gases que sem do sedimento podem ser explicados pelo metabolismo desses micróbios, que em vez de extrair energia do sol fazendo fotossíntese a obtêm comendo minerais das rochas. Também é possível que seja metano da decomposição de fauna marinha extinta, pois a equipe encontrou restos de algas e possíveis crustáceos no fundo. A equipe confirmou que a água de Mercer é doce, mas possivelmente, em épocas mais quentes, há milhões de anos, teve contato com o mar.

A equipe explorou o lago com um robô capaz de fazer imagens, sugar água e até recolher pedras com um pequeno braço. “A água do lago é como leite desnatado, muito turva, podíamos ver apenas o que estava a 25 centímetros das câmeras”, explica Bob Zook, engenheiro da Universidade de Nebraska e criador do robô. “Foi como um pouso na Lua”, afirma.

Quando o material extraído chegar aos EUA, a equipe espera analisar o DNA das amostras, que dirá **se há animais além de micróbios dentro do lago**. A equipe também tentará criar micróbios antárticos em laboratório. “Nossos dados servirão para projetar experimentos que possam estudar os oceanos das luas das regiões mais externas do Sistema Solar e averiguar se houve uma segunda origem da vida”, ressalta Priscu.

Viver semanas em um acampamento perdido a 600 quilômetros do Polo Sul “é o sonho de um cientista, cada dia é uma festa e cada refeição um banquete”, diz este microbiologista da Universidade de Montana. Alguém bebeu água do Mercer? “Ficamos tentados, mas as amostras são valiosas demais”, diz.

A Antártida abriga 90% de todo o gelo da Terra e 70% da água doce. O ritmo do degelo do continente triplicou em três décadas. Se derretesse completamente, o nível do mar subiria 60 metros, o suficiente para cobrir uma extensão de terra superior a toda a União Euro-



**Vista externa do poço para o lago Mercer. B. C.**

peia.

Entender o sistema hidrológico escondido sob o gelo do continente é crucial para prever os efeitos da mudança climática. A expedição norte-americana, que custou 5,2 milhões de dólares (cerca de 19,5 milhões de reais), usou técnicas para reduzir ao mínimo a entrada de água de fora do lago e usou radiação ultravioleta para matar micróbios da superfície presentes no equipamento de perfuração. Este é o segundo lago ao qual a equipe teve acesso depois de ter alcançado em 2013 o Whilans, que fica nas proximidades, onde também encontrou abundante vida microbiana.

A água do Vostok é renovada em escalas temporais de dezenas de milhares de anos, enquanto no Mercer isso acontece na ordem de décadas. Este segundo lago recebe duas correntes de água doce, a maior delas chega do oeste do continente e a outra do leste. Pensa-se

que o lago desagua no mar de Ross, no sul do continente, razão pela qual é uma peça fundamental para a compreensão de como a desconhecida e invisível rede de lagos sob o gelo antártico contribui para o equilíbrio da água nos oceanos. Este tipo de expedição “muda nossa concepção do quinto maior continente. Não podemos continuar a vê-lo como um enorme e inofensivo bloco de gelo. Em vez disso, vemos que sob o gelo está a maior área úmida da Terra que desempenha um papel global”, ressalta Priscu.



**A Avance Trade Company é uma empresa distribuidora de máquinas, automação, eletroeletrônicos, informática**

**Comercialização de equipamentos/produtos nacionais e importados na área de:**

- Instrumentação;
- Automação Industrial;
- Laboratorial e Hospitalar;
- Áudio/vídeo, informática e suprimentos (Fotografia)
- Cozinha Industrial;
- Móvel empresarial;

- Equipamentos de medição;
- Equipamentos de Segurança e Sinalização;
- Refrigeração;
- Limpeza Industrial;
- Telecomunicação;
- Elétrica, eletrônica;
- Ferramentas;

Tels.: (27) 3347-1842 | 3347-4569 | 3026-4021

[www.avancenet.com.br](http://www.avancenet.com.br)

**Confira**

Direção: Ir.: Kheyte Vasconcelos Gomes

[comercial@avancenet.com.br](mailto:comercial@avancenet.com.br)

# DE NOVO A LAMA DA VALE



AFONSO BENITES CARLA JIMÉNEZ HELOÍSA MENDONÇA

**B**rasil cai de joelhos de novo em Minas Gerais. Uma barragem em Brumadinho, na grande Belo Horizonte, rompeu espalhando morte. A estrutura era de responsabilidade da mineradora Vale, que já esteve no olho do furacão em 2015 quando uma represa também ligada à companhia em Mariana, no mesmo Estado, cedeu, e matou 19 pessoas, além de deixar sequelas, algumas irreparáveis, no meio ambiente. Três anos depois, o país assiste nesta sexta-feira, consternado, a um novo desastre ainda mais grave, que já matou ao menos 7 pessoas e hospitalizou outras cinco. Bombeiros buscam sob a tonelada de lama ao menos 150 desaparecidos. “Com enorme pesar dizemos que isto é uma enorme tragédia, que nos pegou totalmente de surpresa. Estou completamente dilacerado com o que aconteceu”, disse Fabio Schwartsman, presidente da Vale. Havia pouco mais de 400 pessoas, entre funcionários e terceirizados, no momento do acidente. Era a hora do almoço, e parte do empregados estava no refeitório da empresa. “O restaurante e um prédio administrativo foram soterrados”, reconheceu o executivo, que está desde 2017 no comando da mineradora.

Uma grande operação de atendimento e resgate está montada na região de Brumadinho. Ao menos 172 funcionários da Vale já estão a salvo enquanto os bombeiros dizem ter resgatado ao menos 100 pessoas ilhadas pela lama e outras 9 já soterradas pelo rejeitos da mineração. Na manhã deste sábado, o presidente Jair Bolsonaro e parte de sua equi-

pe farão um sobrevoo pelo local da tragédia e, quando regressar da viagem, ainda em Belo Horizonte, deverá anunciar novas ações por parte da União. “Depois de Mariana, a gente esperava que não tivesse uma outra (tragédia). Mas infelizmente temos esse problema agora”, disse o novo presidente, que fará essa passagem por Minas antes de fazer, na segunda-feira, uma cirurgia para a retirada da bolsa de colostomia, sequela do atentado a faca que sofreu em setembro passado.

Assim que soube do incidente em Brumadinho, o Governo Bolsonaro instaurou um gabinete de crise e determinou o envio de contingente militar lotado em Juiz de Fora para ajudar no socorro de vítimas e nas ações da Defesa Civil. Conforme o Palácio do Planalto, três ministros também seguiram para Minas Gerais para avaliar o tamanho do desastre: Ricardo Salles (Meio Ambiente), Gustavo Canuto (Desenvolvimento Regional) e Bento Albuquerque (Minas e Energia).

Ainda sobram perguntas sobre o que aconteceu em Minas Gerais, mas o certo é que o acidente elevou a temperatura de um debate sobre a abordagem do Governo Bolsonaro

para a gestão e proteção ambiental. O presidente brasileiro sempre demonstrou desdém pelo assunto e chegou a cogitar o fim do ministério do Meio Ambiente. Seu Governo já se mostrou favorável à intenção flexibilizar o licenciamento ambiental e dar mais autonomia às empresas para a gestão de projetos que demandem gestão de recursos naturais.

## Licenciamento e alertas de ambientalistas

O caso da Vale, além de tudo, é emblemático. A barragem de Brumadinho estava em vias de ser desativada —de fato, segundo a companhia, desde 2015 não recebia novos rejeitos da mineração— e tinha uma licença ambiental desde dezembro, concedida pela estadual Secretaria de Estado de Meio e Desenvolvimento Sustentável (Semad). “O empreendimento, e também a barragem, estão devidamente licenciados, sendo que, em dezembro de 2018, obteve licença para o reaproveitamento dos rejeitos dispostos na barragem e para seu descomissionamento (encerramento de atividades)”, afirmou a Semad. Segundo o presidente da Vale, a barragem havia sido auditada por consultorias que atestavam estabilidade, e a empresa fazia revisões periódicas da estrutura. Uma das companhias que a auditaram foi a alemã Tuv Sud, segundo Fabio Schwartsman. A empresa contava ainda com um sistema de sirenes de emergência para avisar potenciais perigos, mas há dúvidas se elas funcionaram durante o acidente. Os primeiros relatos ouvidos pelos bombeiros é de que não houve alerta sonoro antes do tsunami de lama.



O CEO da Vale, Fabio Schwartsman, lamentou tragédia. PILAR OLIVARES REUTERS

Continua...



Imagem do repórter fotográfico Alexandre Araújo, que sobrevoou a área em helicóptero dos bombeiros. ALEXANDRE ARAÚJO

Os ambientalistas e ativistas da região contestam tanto a Semad quanto a Vale sobre a situação da represa. Afirmam que há anos denunciavam **os problemas da barragem, construída com a técnica mais barata e considerada menos segura, segundo os especialistas**. "Se a lei proibisse a construção de barragens à montante (feita com os próprios rejeitos) acima de comunidades humanas, como fazem muitos países, teríamos menos desastres", afirma Guilherme Meneghin, promotor responsável pelo caso do desastre de Mariana.

O panorama de Brumadinho está longe de ser isolado, ou um problema do atual Governo. Só em Minas Gerais há cerca de 450 barragens e ao menos 22 delas não têm garantia de estabilidade. A ex-senadora Marina Silva foi uma das vozes que elevaram o tom para apontar o erro do Brasil na gestão pública e privada com recursos naturais. "Depois de 3 anos do

grave crime ambiental em Mariana, **com investigações ainda não concluídas e responsáveis punidos**, a história se repete como tragédia em Brumadinho. É inadmissível que o poder público e empresas mineradoras não tenham aprendido nada", escreveu ela em seu Twitter. "Como posso dizer que aprendemos após o acidente de Mariana?", disse também o próprio CEO da Vale, que viu as ações da empresa despencarem nas bolsas no Brasil e no exterior. Segundo o canal GloboNews, o Governo de Minas conseguiu na Justiça uma decisão que obriga a empresa a ajudar no resgates e congela um bilhão de reais das contas da multinacional.

Para Marina Silva, ex-ministra do Meio Ambiente, acidentes como este não são casuais. "Tragédias dessa magnitude não são acidentes, são crimes", disse ela à revista *Época*, um lema que correu as redes sociais. "Que a

tragédia de Brumadinho abra os olhos do Governo. Meio ambiente não é zoeira de esquerda: é respeito à vida das pessoas e do planeta. O Governo deve regular e fiscalizar com mais energia sem demonizar quem disso se ocupa", escreveu o ex-presidente **Fernando Henrique Cardoso** no Twitter.

À medida que passava o tempo, a tragédia de Brumadinho ia ganhando mais detalhes. Segundo as autoridades, não foi apenas uma barragem a se romper, mas três no complexo: o primeiro estouro de lama levou a que mais duas represas cedessem. Até a publicação desta reportagem, não havia uma lista oficial com o nome de desaparecidos. A angústia corria por telefone e grupos de WhatsApp na região, que trocavam informações sobre as tentativas de contato. "Muito provavelmente iremos resgatar somente corpos", disse o governador de Minas, Romeu Zema.



**MEDECINS SANS FRONTIERES**  
**MÉDICOS SEM FRONTEIRAS**



PERITO AVALIADOR

**AMARO COUTINHO**

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

**Confira algumas de nossas oportunidades**



**Propriedade Rural  
com fonte de água  
mineral de mesa  
fluoretada**

**Detalhes**

**Apartamento 3  
quartos com suite  
em Santa Luiza  
Serra/ES**

**Detalhes**

**Terreno BR 101  
Norte - Serra/ES  
Em frente ao Posto  
Chapada Grande**

**Detalhes**

**Somos capacitados a prestar os seguintes Serviços**

**Vendas**



Prestamos assessoria a compradores e vendedores de imóveis novos e usados.

**Avaliações**



Avalizações e perícias Judiciais em ações como desapropriações, indenizatórias, demarcatórias, perdas e danos, renovatória de locação, usucapião, vistorias, lucros cessantes entre outras...

**Consultoria e investimentos**



Prestamos serviço de consultoria para você que busca fazer um investimento.



PERITO AVALIADOR

**AMARO COUTINHO**

NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS

PERITO AVALIADOR - CNAI 20076 | CORRETOR - CRECI - ES 8831-F  
27 3067-2727 | + 55 27 99960-2727

Av. Eudes Sherrer de Souza, 1025  
Sala 814, Laranjeiras, Serra/ES, BR

[www.amarocoutinhoimoveis.com](http://www.amarocoutinhoimoveis.com)